

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

“INVESTIGAÇÃO-AÇÃO SOBRE OS EFEITOS DO CONTEÚDO
SEXUALMENTE EXPLÍCITO NOS JOVENS”

Sofia Patrícia Domingues Justino

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestrado em Psicologia Social e das
Organizações

Trabalho efetuado sobre a orientação da Professora Doutora Alexandra Gomes

2014

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

“INVESTIGAÇÃO-AÇÃO SOBRE OS EFEITOS DO CONTEÚDO
SEXUALMENTE EXPLÍCITO NOS JOVENS”

Sofia Patrícia Domingues Justino

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestrado em Psicologia Social e das
Organizações

Trabalho efetuado sobre a orientação da Professora Doutora Alexandra Gomes

2014

“Investigação-Ação Sobre Os Efeitos Do Conteúdo Sexualmente Explícito Nos Jovens”

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

A handwritten signature in black ink that reads "Sofia Justino". The signature is written in a cursive style with a large initial 'S' and 'J'. It is positioned above a horizontal line.

(Sofia Justino)

“Copyright” em nome de Sofia Patrícia Domingues Justino para a Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

É engraçado pensar como uma das primeiras páginas de uma dissertação é sempre a última a ser preenchida. Mas creio que não seja por acaso. Depois do trabalho, dos sacrifícios e do esforço, chega a altura de refletir acerca do caminho percorrido e de todo o apoio, paciência e envolvimento que as pessoas que nos rodeiam têm ao longo de tantos meses.

Por isso começo desde já por agradecer àquela que considero ser a peça base fundamental para o desenvolvimento e finalização deste trabalho: a minha orientadora, Professora Doutora Alexandra Gomes. Uma pessoa que esteve sempre presente, mesmo quando era suposto concentrar-se apenas em viver uma nova fase da sua vida. Nunca me esquecerei da forma como sempre me acolheste, com um sorriso no rosto, de braços abertos e tantas vezes com uma bebé ao colo, pronta para repartir a atenção entre ser mãe e ser minha orientadora. Devo dizer que o fizeste impecavelmente. Foste incansável na tarefa de me guiar, esclarecer dúvidas, acalmar pânicos, dar injeções de motivação e confiar nas minhas capacidades. Não foi à toa que te escolhi como minha orientadora. Sabia da tua paixão por esta área e das tuas competências enquanto profissional e pessoa e, por isso, inspirada em ti, quis também seguir um pouco as tuas pisadas e orgulhar-te do meu trabalho. Sei que foi um “parto difícil”, mas espero tê-lo conseguido. Obrigada Alex, por tudo!

Porque um trabalho de investigação não é feito só pelos investigadores, o meu outro enorme agradecimento dirige-se à escola que acolheu esta proposta de trabalho. Desde o diretor do agrupamento, até às técnicas do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, passando pelos diretores de turma e professores, todos se mostraram prestáveis, acessíveis e colaborativos, depositando confiança no meu trabalho ao me permitirem desenvolvê-lo de acordo com os meus objetivos, o meu ritmo e as minhas ideias. E, claro, um enorme obrigado a todos os jovens que participaram, que sempre

me receberam com entusiasmo, curiosidade, respeito e até alguns desabafos. Ainda que tenha sido pouco o tempo que passámos juntos, sempre me fizeram sentir valorizada e um bocadinho orgulhosa até, por saber que a minha presença tinha um impacto positivo e animava um pouco o dia-a-dia da vida escolar.

Para lá dos formalismos, há um agradecimento que impera. Aquele que se faz a quem nos viu nascer e crescer. Ao meu papá e ao meu mano, não há palavras para descrever o quanto vos amo e admiro e o quanto me sinto agraciada por vos ter ao meu lado. Só nós é que sabemos as mágoas que persistem das lutas que travámos juntos. Só nós é que sabemos os altos e baixos por que passámos e as mudanças inesperadas e situações desesperantes vividas. Mas acima de tudo, só nós é que sabemos o que significam as palavras união, força e amor. Apesar de tudo, dos pesos extras em cima dos ombros e do crescimento forçado antes do tempo, sempre me deixaram sonhar, sempre acreditaram em mim e sempre me inspiraram a fazer mais e melhor. Obrigado pelos puxões de orelhas, pela preocupação constante e por desejarem sempre o melhor para mim. Este trabalho é, pois, também vosso, pelas palavras de incentivo, pelos esforços e sacrifícios que fizeram e, sobretudo, por terem a capacidade de desafiar o mundo só para que eu possa ser feliz.

Há também uma outra família, aquela que escolhemos para fazer parte da nossa vida e que tem por base esse tão grande valor que é a amizade. Existem momentos em que só precisamos de um abraço apertado ou simplesmente da companhia de alguém, mesmo que não diga nada, basta apenas que fique ali, ao nosso lado. Existem aqueles dias, em que sentimos uma necessidade urgente de chorar e desejamos uma presença amiga, que nos oiça pacientemente, sem nos julgar, apenas ouvindo e de vez em quando tentando fazer-nos sorrir com algum comentário mais brincalhão. Há aquelas alturas em que precisamos de alguém que ria das nossas piadas sem graça e que acene com a cabeça quando dizemos que os nossos problemas são os maiores do mundo. Alguém que nos teça elogios sem

fim, e que apesar de todas essas mentiras úteis, nunca deixe de nos presentear com uma sinceridade inquestionável. Alguém que nos mande calar ou que nos salve numa situação social mais embaraçosa. Alguém que nos possa dizer que acha que estamos errados, mas que, ainda assim, continua do nosso lado. Simplesmente alguém que nos diga: Gosto de ti! E estou aqui! E sabem uma coisa? Não é que vocês são mesmo assim!? Por isso, aos meus amores e às minhas amoras, só tenho a agradecer essa paciência, essa presença constante nos bons e nos maus momentos e essa estabilidade e segurança que me proporcionam. Cada um de vós tem uma admiração particular da minha parte. Porque convosco desabafo, choro, rio e recarrego energias. São as minhas pessoas especiais, que valorizam quem sou, que compreendem a minha paixão por este trabalho e que sempre se mostraram interessados nele, acreditando que daqui só poderia sair algo de bom. Beatriz, Carlos, Cláudia, Eliana, Neuza, Nuno, Paula, Paulo, Raquel e Sérgio, não só por este trabalho, mas pelo significado que assumem na minha vida, o meu muito obrigado. Luv u all!!!

Por fim, não podia deixar de te escrever umas palavras. E para ti, isto que escrevo, vai além de um agradecimento. Penso em ti e na saudade que trago em mim. Fazes-me falta. Tu e os teus mimos, a tua alegria, as tuas chamadas de atenção, a tua ajuda e dedicação e a tua calma e paciência. Gostava que estivesses cá, como da outra vez, para me envolveres no teu abraço apertado e me sussurrares ao ouvido o quanto estás feliz por mim. Não é justo, não é fácil, não era suposto ser assim. Mas sempre foste e sempre serás a minha força, a minha inspiração, o meu ídolo. Lembras-te do que te disse? Que te amo muito? Pois será sempre assim. E é por isso que te dedico este trabalho. É mais uma conquista nossa Laurindinha...

Resumo

Pela crescente expansão dos *media* e a acessibilidade e variedade de entretenimento que os caracteriza, têm-se revelado de particular importância o estudo da temática do Conteúdo Sexualmente Explícito (CSE) e a sua ação nos consumidores deste tipo de conteúdo, particularmente os mais jovens que, por se encontrarem numa fase de desenvolvimento do seu *self* sexual, têm maior probabilidade de sofrerem influências a nível das suas atitudes, valores e comportamentos sexuais por parte do que é vinculado pelo CSE.

Considerando os estudos desenvolvidos nos últimos anos, que permitem supor que existe uma relação entre o consumo de conteúdo sexualmente explícito e a forma como se vive a sexualidade e as relações íntimas, neste estudo tipo investigação-ação objetivou-se perceber qual o efeito de um programa de intervenção sobre conteúdo sexualmente explícito no que concerne à intenção de procura de visualização desse conteúdo, à intenção de deter comportamentos sexuais considerados extremos e à presença de expectativas e mitos sexuais irrealistas numa amostra de 40 estudantes do 8º ano de uma escola de ensino básico da região do Algarve.

Os dados foram recolhidos através de um questionário composto por um conjunto de questões com o propósito de caracterizar o consumo de CSE na presente amostra e pela implementação de um programa de intervenção, com quatro sessões, dirigidas ao grupo alvo, sobre temas diretamente relacionados com as variáveis em estudo.

Tendo como base as diferenças encontradas entre o grupo alvo e o grupo de controlo, antes e após a realização do programa de intervenção, os resultados obtidos sugerem que este parece não ter originado um efeito nas variáveis em estudo, o que significa que as hipóteses da presente investigação não foram confirmadas.

Palavras-chave: Conteúdo Sexualmente Explícito; Investigação-Ação; Adolescência

Abstract

Due to the constant growth of media and the ease of access to and vast diversity of entertainment, the study of Sexually Explicit Content (SEC) and its consequences to consumers of this kind of content has shown to be of particular interest, especially within younger audiences, because being in a stage of development of a sexual identity, they are more likely to have their attitudes, values and sexual behaviours influenced partly by what is established by SEC.

Bearing in consideration studies made in recent years that allow to assume there is a correlation between consuming sexually explicit content and the way sexuality and relationships are carried out, this action-research study means to understand the effect of an intervention program on sexually explicit content regarding the intent of deterring sexual behaviours deemed extreme and unrealistic expectations and sexual myths in a sample group of 40 students from an 8th grade class of a middle school in the Algarve region.

The data was collected through a questionnaire that had the purpose of gathering the needs and describing the consumption of SEC, and by applying an intervention program of four sessions, directed to the target audience, on themes directly related to the variables that are being studied.

Having as a basis the differences found between the experimental group and the control group, before and after conducting the intervention program, the results obtained suggest that it did not cause an effect on the variables being studied, meaning that the hypotheses of the following investigation have not been confirmed.

Keywords: Sexually Explicit Content; Action-Research; Adolescence

Índice Geral

| | |
|--|----|
| 1. Introdução..... | 1 |
| 2. Enquadramento Teórico | 4 |
| 2.1. O que é o Conteúdo Sexualmente Explícito | 4 |
| 2.1.1. Tipos de Conteúdo Sexualmente Explícito. | 4 |
| 2.1.2. A sexualidade através do Conteúdo Sexualmente Explícito. | 5 |
| 2.2. Determinantes da visualização de CSE | 7 |
| 2.2.1. Teoria do Comportamento Planeado aplicada à temática..... | 7 |
| 2.3. Consequências do visionamento de CSE | 10 |
| 2.3.1. Consequências positivas. | 10 |
| 2.3.2. Consequências negativas..... | 11 |
| 2.4. Programas de Intervenção na área da Educação Sexual..... | 17 |
| 2.4.1. Importância dos Programas de Intervenção. | 17 |
| 2.4.2. Fatores de sucesso dos programas..... | 19 |
| 2.4.3. Fatores de insucesso dos programas. | 21 |
| 3. Investigação Empírica..... | 25 |
| 3.1. Introdução..... | 25 |
| 3.2. Metodologia | 27 |
| 3.2.1. População e Amostra. | 27 |
| 3.2.2. Procedimento. | 27 |
| 3.2.3. Instrumentos..... | 29 |
| 3.2.3.1. Questionário..... | 29 |
| 3.2.3.2. Programa de Intervenção..... | 30 |

| | |
|--|----|
| 4. Resultados..... | 31 |
| 4.1. Caracterização da Amostra..... | 31 |
| 4.2. Caracterização do Consumo de Conteúdos Sexualmente Explícitos (CSE)..... | 33 |
| 4.3. Caracterização de preditores de consumo de conteúdo sexualmente explícito..... | 35 |
| 4.3.1 Crenças e mitos..... | 35 |
| 4.3.2. Atitude face ao CSE. | 37 |
| 4.3.3. Norma subjetiva dos amigos face ao CSE..... | 37 |
| 4.3.4 Controlo comportamental percebido. | 37 |
| 4.3.5. Intenção..... | 38 |
| 4.3.6. Caracterização da distribuição das variáveis preditoras do consumo de CSE. | 38 |
| 4.4. Avaliação da eficácia do programa de intervenção | 40 |
| 5. Discussão | 44 |
| 6. Conclusão..... | 55 |
| 7. Referências Bibliográficas..... | 60 |
| Anexos | 66 |

Índice de Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 1 <i>Tabela de frequência de respostas múltiplas do agregado familiar por grupo de análise</i> | 32 |
| Tabela 2 <i>Distribuição das variáveis preditoras do consumo de CSE</i> | 39 |
| Tabela 3 <i>Testagem do efeito do programa nas variáveis preditoras de consumo de CSE</i> | 41 |

Índice de Figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1 Modelo de análise do estudo | 26 |
| Figura 2 <i>Screeplot</i> análise fatorial de extração das componentes principais..... | 36 |
| Figura 3 <i>Screeplot</i> efeito do programa nas variáveis preditoras de consumo de CSE | 42 |
| | 42 |
| Figura 4 <i>Screeplot</i> distribuição de respostas pela idade. | 43 |

1. Introdução

Com a proliferação da tecnologia e a difusão dos meios de comunicação nos últimos anos, os *media* têm vindo a destacar-se no quotidiano dos indivíduos, particularmente dos jovens, que recorrem constantemente a estes com fins recreativos, informativos e/ou educativos. De entre os vários tipos de programação que os *media* podem oferecer, é cada vez mais frequente a presença de mensagens sexuais, implicando que estes tenham um papel proeminente na socialização sexual dos jovens. Isto porque os *media* retratam e descrevem comportamentos sexuais e eróticos de forma explícita e permitem o contacto dos jovens, de forma indiscriminada, com a nudez e com o vocabulário de carácter sexual, isto é, com o chamado “Conteúdo Sexualmente Explícito” (CSE).

Porém, ter contacto com conteúdos sexualmente explícitos não é um processo que decorre de forma isolada e imune a influências, particularmente numa altura do desenvolvimento humano como é a adolescência, em que os indivíduos começam a explorar os seus desejos sexuais emergentes e a definir quais são as atitudes e os comportamentos onde se encaixam. Segundo Bogt, Engels, Bogers e Kloosterman (2010) o que é transmitido via *media* enquanto conteúdo sexualmente explícito tem uma influência na formação das atitudes sexuais, dos valores e dos comportamentos dos jovens, bem como, pode contribuir para determinar a identidade sexual e a imagem corporal.

Neste sentido, têm sido realizadas diversas investigações com o objetivo de perceber que efeito tem o conteúdo sexualmente explícito nas atitudes, nas crenças, nas expectativas e nos comportamentos sexuais dos jovens que têm contacto com o mesmo (Bogt, Engels, Bogers & Kloosterman, 2010; Braun-Courville & Rojas, 2009; Morgan, 2011; Ward, 2003; Zillmann, 2000). As principais conclusões indicam que existe uma influência negativa a nível das atitudes e comportamentos sexuais, o que se traduz numa significativa probabilidade dos jovens consumidores de conteúdo

sexualmente explícito criarem expectativas irrealistas no que concerne à sua vida sexual, à frequência de atividade sexual, aos tipos de atos sexuais realizados, à responsabilidade pelos seus comportamentos e ao papel das mulheres em corresponder e atender às expectativas dos homens.

Apesar destas conclusões, os determinantes e as consequências emocionais, cognitivas e comportamentais da exposição voluntária ou involuntária a diferentes tipos de conteúdo sexualmente explícito, legal e ilegal, não estão ainda totalmente esclarecidos e estudados na nossa sociedade portuguesa. Ao mesmo tempo, são poucas as referências acerca de trabalhos nesta área que contemplem também intervenções, nos pressupostos de uma investigação-ação, quando esta, na realidade, permite aproveitar a curiosidade natural dos jovens acerca de informação e estímulos de carácter sexual para criar um espaço de diálogo acerca da sexualidade e de valores como o respeito e o prazer que lhe estão vinculados (Chandra, Martino, Collins, Elliott, Berry, Kanouse & Miu, 2008; Salmon & Zdanowicz, 2007). O objetivo deste tipo de intervenção passa assim por conseguir balançar a forma como a sexualidade é representada nos *media*, com recurso a informação acerca de possíveis consequências negativas que podem diminuir os comportamentos de risco ou a existência de expectativas irrealistas acerca da sexualidade. Neste sentido, enfatiza-se a importância de criar programas adequados e arranjar ferramentas de prevenção baseadas na educação e na comunicação, que reduzam os níveis de insensibilidade acerca de questões relacionadas com a sexualidade e os comportamentos de coerção sexual que por vezes são manifestados pelos jovens que são expostos com frequência a conteúdo sexualmente explícito, conceptualizando a sexualidade num contexto que inclui condições motivacionais e comportamentais, assim como consequências emocionais e comportamentais, o que também vai ao encontro dos objetivos da educação sexual (Braun-Courville & Rojas, 2009; Zillmann, 2000).

A presente investigação tem, assim, como objetivo avaliar o efeito de um programa de intervenção, composto por quatro sessões de sensibilização sobre conteúdo sexualmente explícito, na intenção de visualização desse conteúdo, na intenção de deter comportamentos sexuais de risco, nas expectativas sexuais e na presença de mitos sexuais de jovens portugueses a frequentar o 3.º ciclo do ensino básico. Espera-se com o presente estudo, e através das sessões de sensibilização, que o grupo alvo manifeste no final da investigação uma diminuição de intenção de visualização de CSE, uma diminuição de intenção de deter comportamentos sexuais de risco e uma diminuição de expectativas e mitos sexuais irrealistas, comparativamente com os resultados do pré-teste e do grupo de controlo.

O presente projeto divide-se em duas partes. Na primeira parte, referente ao enquadramento teórico, conceptualizam-se os principais constructos relativos ao conteúdo sexualmente explícito e o seu efeito nas atitudes e nos comportamentos sexuais dos jovens, com menção às principais teorias e abordagens realizadas aos conceitos e às relações encontradas entre as variáveis deste estudo em investigações anteriores. A segunda parte, dedicada ao estudo empírico, integra primeiramente a metodologia, sendo exposto a delimitação do problema e os objetivos orientadores da presente investigação, caracterizada a amostra do estudo e descritos os instrumentos utilizados, bem como, o procedimento de recolha de dados. Numa segunda instância, serão apresentados os principais resultados obtidos e proceder-se-á à sua discussão com o recurso à revisão da literatura efetuada. Por último, enumeram-se as principais conclusões e limitações do estudo, bem como algumas sugestões para estudos futuros.

2. Enquadramento Teórico

2.1. O que é o Conteúdo Sexualmente Explícito

2.1.1. Tipos de Conteúdo Sexualmente Explícito.

Por conteúdo sexualmente explícito (CSE) entende-se todo o tipo de estímulo vinculado pelos *media* (revista, televisão, música, internet), disponível em vários formatos (texto, imagem, áudio, audiovisual e vídeo) e que representa, mostra, descreve e/ou utiliza, de forma implícita (ex.: letra de música) ou explícita (ex.: pornografia), situações de nudez, comportamentos e atividades sexuais e vocabulário de carácter sexual (Braun-Courville & Rojas, 2009; Goodson, McCormick & Evans, 2001; Morgan, 2011; Peter & Valkenburg, 2011b; Ward, 2003).

O CSE tanto pode ser produzido profissionalmente como criado pelo próprio usuário/consumidor e pode comportar vários objetivos: ou é uma encenação, criada com o propósito de estimular e/ou aumentar a excitação sexual de quem a ela recorre, considerando um determinado contexto onde é dada ênfase a *close-ups*¹ aos órgãos genitais, às práticas da masturbação e do sexo vaginal, anal e oral e a discursos ditos “obscenos”; ou é em si uma expressão da sexualidade e um mediador entre esta e as relações humanas, apresentando aspetos da sexualidade que vão para lá da relação sexual e da excitação *per se* e que põem a vida sexual e as questões da intimidade em perspectiva (Miotto, 2012; Peter & Valkenburg, 2010).

Pelas características dos *media* onde pode ser encontrado, o conteúdo sexualmente explícito está disponível em larga escala e acessível a todos,

¹ *Close-ups* - é um tipo de plano, caracterizado por um enquadramento fechado, que mostra apenas uma parte do objeto filmado, fotografado ou retratado.

particularmente para os jovens, que ocupam grande parte do seu dia junto da televisão, dos jogos de vídeo, da música e do computador (Braun-Courville & Rojas, 2009; Doring, 2009; Melby, 2010; Morgan, 2011; Peter & Valkenburg, 2010; Salmon & Zdanowicz, 2007; Ward, 2003). Aliás, o entretenimento cujo público-alvo são as camadas mais jovens da sociedade oferece filmes, programas de televisão, revistas, música (em formato áudio e em vídeo) e *sítes* com um vasto conjunto de mensagens, referências, insinuações e piadas de carácter sexual, pelo que os jovens, na sua grande maioria, de forma voluntária ou involuntária, têm contacto com conteúdos sexualmente explícitos (Ramiro, 2013; Sabina, Wolak & Finkelhor, 2008; Spitznagel, 2009; Vilar & Ferreira, 2009; Zillmann, 2000).

2.1.2. A sexualidade através do Conteúdo Sexualmente Explícito.

Com carácter mais ou menos explícito, o CSE retrata a sexualidade de uma forma muito particular. Inclusive, a maioria das análises a este tipo de conteúdo revelam que frequentemente o CSE pode passar uma ideia distorcida, irrealista e potencialmente prejudicial acerca do romance e das relações, sem demonstrar as consequências negativas do sexo e reforçando estereótipos sociais acerca do mesmo (Bogt, Engels, Bogers & Kloosterman, 2010; Braun-Courville & Rojas, 2009).

De facto, os estudos concluem que o conteúdo sexualmente explícito evoca atitudes sexistas e comportamentos abusivos em relação ao sexo feminino, dando ênfase à performance sexual do homem e pondo a mulher num papel mais passivo e subordinado, retratando-a muitas vezes como um objeto sexual que está sempre disponível para responder às necessidades sexuais masculinas (Braun-Courville & Rojas, 2009; Doring, 2009; Morgan, 2011; Peter & Valkenburg, 2010).

Verifica-se ainda a existência de temas recorrentes de encontros sexuais casuais e de um exagerar no retratamento do prazer sexual. Muitas vezes também

estão presentes mensagens explícitas de comportamentos sexuais ideais, que passam por ter muitos parceiros e muitas aventuras sexuais e praticar atos bizarros e incomuns, com recurso a diversos adereços, como é o caso, por exemplo, do *bondage* (Morgan, 2011).

Para além da ideia de que quanto mais variedade de experiências, melhor é o sexo, dá-se principalmente relevância à liberdade sexual e padroniza-se o liberalismo sexual e o comportamento sexual imoral e irresponsável como o mais desejável, aceitável e normativo. Aliás, o conteúdo sexualmente explícito, na sua generalidade, coloca muitas vezes de lado as relações sexuais com base no afeto, recíprocas e mútuas e menospreza os valores tradicionais do casamento, da família e da monogamia (Bogt, Engels, Bogers & Kloosterman, 2010; Doring, 2009; Peter & Valkenburg, 2011a; Ward, 2003; Zillmann, 2000).

Morgan (2011) refere ainda que muitas vezes o conteúdo sexualmente explícito aborda também aquilo a que podemos chamar de iniciação da relação sexual, quase um preliminar, dirigido a maior parte das vezes às mulheres e que se compõe por comentários acerca da aparência, roupa e depilação das mesmas. A par disto são comuns as imagens corporais irrealistas e a estandardização da performance sexual, o que pode levar os consumidores deste tipo de material a sentirem-se descontentes ou inseguros acerca do corpo e da vida sexual, quer do próprio, quer do parceiro (Bogt, Engels, Bogers & Kloosterman, 2010; Doring, 2009).

2.2. Determinantes da visualização de CSE

2.2.1. Teoria do Comportamento Planeado aplicada à temática.

A Teoria do Comportamento Planeado é uma teoria geral do comportamento, desenvolvida em 1985 por Ajzen, revestindo-se como uma das mais importantes concepções da psicologia social sobre a previsão do comportamento (Ajzen, 2011; Ajzen, 2012; Ferreira, 2011). Esta teoria tem como base um modelo que explica a relação entre crenças, atitudes, intenções e comportamento e prediz que a intenção do indivíduo de deter determinado comportamento resulta da interação entre três fatores: atitudes, normas subjetivas e percepção de controlo, cuja relação depende do comportamento em causa (Ajzen, 1991; Alvarez, 2005; Ferreira, 2011).

Em síntese, as variáveis do modelo são de natureza psicossocial e incluem como determinantes do comportamento as intenções que, por sua vez, resultam das atitudes e normas subjetivas. As atitudes espelham crenças salientes e aspetos avaliativos destas crenças, podendo tanto corresponder a opiniões favoráveis e desfavoráveis e a sentimentos positivos como negativos do indivíduo face ao envolvimento no comportamento; e as normas subjetivas refletem a pressão social, isto é, as percepções que o indivíduo tem acerca do que as pessoas ou grupos significativos para o próprio pensam e fazem com vista a deter esse comportamento, bem como, o que esperam de si. A norma subjetiva é mediada pela motivação do indivíduo para agir em conformidade com o que é esperado. Porém, o comportamento não depende apenas das atitudes face a ele e das normas subjetivas reconhecidas, mas também da facilidade ou dificuldade percebida em desempenhar o comportamento em causa, isto é, a percepção de controlo sobre o comportamento, a qual reflete experiências passadas e antecipação do futuro, bem como recursos e

oportunidades (Ajzen, 1991; Ajzen, 2012; Bleakley, Hennessy & Fishbein, 2011; Ferreira, 2011).

Assim, de uma forma geral, quanto mais favorável for a atitude e a norma subjetiva relativamente ao comportamento e quanto maior for a perceção de controlo, maior deverá ser a intenção do indivíduo em deter o comportamento em questão (Ajzen & Fishbein, 1977 cit. por Alvarez, 2005).

A presente teoria tem sido aplicada à compreensão e previsão de diversos comportamentos, entre os quais se destacam os relacionados com a sexualidade e a educação para a saúde (Abraham, Henderson & Der, 2004; Albarracín, Johnson, Fishbein, & Muellerleile, 2001). Neste sentido, adotar comportamentos preventivos e de proteção como, por exemplo, o uso do preservativo, ter estilos de vida saudáveis ou comunicar com o parceiro/a, são considerados o resultado final de um processo racional porque segue um curso de ação consistente com os objetivos, expectativas e valores daquele que toma a decisão (Alvarez, 2005; Ferreira, 2011). Ajzen (2012), numa revisão do constructo, acrescenta que para lá da sua facilidade em predizer intenções e comportamentos, a Teoria do Comportamento Planeado é um excelente recurso em programas de intervenção, mostrando que as mudanças nos comportamentos, nas normas subjetivas e nas perceções de controlo podem produzir mudanças nas intenções e, conseqüentemente, no comportamento.

De acordo com este pressuposto, de que o principal determinante e motivação para o comportamento é a intenção específica de o realizar, e tendo em conta o âmbito da presente investigação, pode-se afirmar que a procura ativa de conteúdo sexual é predita pela atitude favorável ou desfavorável acerca do comportamento de procura de conteúdo sexualmente explícito. Se as pessoas acreditarem que a visualização de CSE é algo agradável e benéfico e que isso é indispensável para a vivência da sexualidade, as suas atitudes face ao CSE serão previsivelmente positivas. De acordo com os pressupostos, se as normas subjetivas são vistas como o

produto de crenças salientes sobre o que certas pessoas ou grupos importantes para o indivíduo pensam que deve ser feito relativamente ao comportamento, o grau de intensidade com que as pessoas acreditam que os seus amigos aprovam a visualização de conteúdo sexualmente explícito, e o facto de a sua opinião ser importante para elas, levam a que se antecipem normas que apoiam esse comportamento. Por fim, se o indivíduo acreditar que detém um grande controlo relativamente ao comportamento de visualizar ou não o CSE, então a intenção de realização desse comportamento é mais frequente.

Em suma, de acordo com a teoria do comportamento planeado, a escolha de visualizar CSE decorre de uma atitude positiva face ao mesmo, uma norma subjetiva favorável e uma perceção de controlo sobre essa tomada de decisão.

De referir, no entanto, que embora as atitudes e a norma subjetiva influenciem a formação de uma dada intenção, a importância relativa destes dois fatores depende do comportamento e do indivíduo. Além disso, deve-se considerar o facto de que o valor preditor da presente teoria é maior para comportamentos sob os quais os indivíduos têm um elevado poder de controlo, sendo reconhecido que tanto se pode ter uma perceção irrealista de controlo, como podem existir outros fatores que facilitam ou inibem o desempenho de comportamentos sob os quais se tem um controlo parcial, isto é, que dependam também da ação de terceiro (Alvarez, 2005). Ajzen (2011) chama ainda a atenção para o facto do peso que os eventos de vida, as experiências passadas, os hábitos, o passar do tempo e as emoções têm nos comportamentos e nas perceções de controlo e de pressão, podendo modificar atitudes, normas subjetivas e crenças de *self* controlo e, por consequência, as intenções do indivíduo de deter determinado comportamento.

2.3. Consequências do visionamento de CSE

2.3.1. Consequências positivas.

As investigações realizadas com o objetivo de aferir quais as consequências que o consumo de CSE pode ter junto dos jovens, têm concluído que este tipo de conteúdo para lá de poder entreter o público-alvo tem sobretudo um papel significativo no que concerne ao desenvolvimento sexual do mesmo, formando as suas atitudes e os seus comportamentos sexuais (Braun-Courville & Rojas, 2009; Chandra, Martino, Collins, Elliott, Berry, Kanouse & Miu, 2008; Morgan, 2011; Ramiro, 2013; Ward, 2003; Zillmann, 2000).

Tendo em consideração as transformações físicas, psicológicas e emocionais que estão subjacentes à adolescência e o conseqüente interesse no sexo e na sexualidade (Peter & Valkenburg, 2011b) a revisão da literatura refere que o CSE pode passar mensagens positivas, ao revestir-se como uma fonte de informação importante para os adolescentes na área da saúde sexual e reprodutiva (Bogt, Engels, Bogers & Kloosterman, 2010; Lofgren-Martenson & Mansson, 2010) e ao transmitir um vasto conjunto de mensagens e valores relacionados com o namoro, o sexo, o amor romântico, as relações íntimas e os desejos sexuais (Bleakley, Hennessy & Fishbein, 2011; Braun-Courville & Rojas, 2009; Salmon & Zdanowicz, 2007; Ward, 2003).

As investigações apontam também que o CSE tem uma vertente positiva quando a sua visualização é sobretudo com base na curiosidade (Goodson, McCormick & Evans, 2001). Essa curiosidade pode não só facilitar o processo de (in)formação já mencionado, como também ir ao encontro de propósitos como a estimulação e a excitação sexual, numa fase em que a masturbação e o contacto com um corpo agora percecionado como sexuado também está inerente ao

desenvolvimento humano (Lofgren-Martenson & Mansson, 2010; Peter & Valkenburg, 2011b; Salmon & Zdanowicz, 2007).

Os autores Bleakley, Hennessy e Fishbein (2011) referem ainda que o CSE é um excelente recurso aquando da procura de validação normativa para o comportamento sexual, quer seja antes ou após se ter empreendido comportamentos sexuais ou iniciado relacionamentos, assim como um importante recurso para pôr em perspetiva a vida sexual e o desenvolvimento da identidade e do *self* sexual.

Por outro lado, muito por causa das características de confidencialidade e de acessibilidade inerentes aos meios de comunicação onde o CSE pode ser acedido (Salmon & Zdanowicz, 2007), o processo de descoberta da sexualidade é estabelecido de acordo com o ritmo e as necessidades de cada indivíduo e respeitando a sua privacidade, algo que em comparação à comunicação com familiares e amigos não é tão facilmente conseguido pela exposição que lhe está inerente (Bleakley, Hennessy & Fishbein, 2011). Para lá dos pais, da escola e dos pares, os *mass media* desempenham assim um papel fulcral na socialização sexual dos jovens, ao serem agentes educadores e mediadores muito prementes na vida e no desenvolvimento sexual dos adolescentes e no processo através do qual os conhecimentos, as atitudes e os valores sexuais são adquiridos (Ward, 2003).

2.3.2. Consequências negativas.

Se por um lado se considera que o consumo de conteúdo sexualmente explícito através dos *media* é uma ferramenta importante que pode fornecer informações e esclarecer dúvidas e curiosidades de carácter sexual (Bleakley, Hennessy & Fishbein, 2011; Bogt, Engels, Bogers & Kloosterman, 2010; Braun-Courville & Rojas, 2009; Lofgren-Martenson & Mansson, 2010; Salmon & Zdanowicz, 2007; Ward, 2003), por outro questiona-se acerca do impacto negativo que esta

exposição pode ter nas atitudes e comportamentos sexuais dos jovens, ao ser transmitido e agregado tanto conteúdo sexualmente explícito, facilmente acessível a todos, em diversos meios de comunicação (Goodson, McCormick & Evans, 2001; Luder, Pittet, Berchtold, Akre, Michaud & Surís, 2011).

Tendo como base esta questão, as investigações até agora realizadas têm tentado perceber de que forma os níveis de consumo de conteúdo sexualmente explícito na adolescência estão associados com determinados comportamentos sexuais, com a satisfação sexual e relacional e com as preferências sexuais e de que forma é que a vivência da sua sexualidade reflete aquilo que é apresentado no CSE, isto é, de que forma é que o conteúdo sexualmente explícito pode se revestir como um modelo negativo para os jovens (Melby, 2010; Morgan 2011).

As principais conclusões apontam que, ao nível de atitudes e crenças, a frequência do uso, bem como, o tipo de conteúdo sexualmente explícito consumido estão associados à prevalência de estereótipos sobre os papéis de género (Braun-Courville & Rojas, 2009; Flood, 2009; Morgan 2011). Tendo em consideração que o CSE muitas vezes põe a mulher em segundo plano nas relações sexuais, dando inclusive mais ênfase ao orgasmo masculino do que ao feminino, os consumidores deste tipo de conteúdo facilmente são remetidos para crenças mais sexistas, tradicionalistas e estereotipadas dos papéis de género como a submissão feminina e o controlo e autoritarismo masculino (Morgan 2011; Ward, 2003). A par disto, pelo tipo de encenação muitas vezes envolvente ao CSE, em que as mulheres têm uma comunicação ambígua em relação à sua intenção sexual e parecem querer resistir às insinuações e sedução do parceiro, existe uma tendência para se considerar que as mulheres, propositadamente, têm resistência em fazer sexo (Peter & Valkenburg, 2010). Ou seja, o CSE vincula a crença de que, em situações sexuais, as mulheres dizem “não” quando na realidade querem ter relações sexuais, pelo que os seus protestos e reações não devem ser levados a sério. É assim transmitida a ideia que a

resistência sexual é um comportamento comum e normal nas mulheres, uma vez que representa estas como sexualmente pouco dispostas mas que no fim procuram gratificação sexual (Peter & Valkenburg, 2011a) e que comportamentos como o assédio, a coação e a perpetração sexual são normais e aceitáveis (Flood, 2009; Ward, 2003).

Diversos autores referem ainda que uma exposição prolongada a conteúdos sexualmente explícitos também influencia as atitudes sobre o *status* e a experiência sexual, podendo levar a crenças exageradas acerca da atividade sexual dos indivíduos (Salmon & Zdanowicz, 2007), a crenças de que a inatividade sexual faz mal à saúde (Zillmann, 2000), à insensibilidade sexual (Braun-Courville & Rojas, 2009) e atitudes mais liberais acerca das relações íntimas (Ward, 2003). Ou seja, há uma tendência para idealizar a vida sexual como regular, frequente e prazerosa, tal como personificada no CSE.

Relativamente às relações íntimas, o CSE está associado a atitudes mais negativas e disfuncionais em relação aos parceiros sexuais, como por exemplo, diminuição dos níveis de confiança em relação ao outro e aumento da agressividade, violência e intolerância (Zillmann, 2000). É igualmente comum que os indivíduos que são consumidores frequentes de CSE manifestem atitudes cínicas e desvalorizem o amor, que considerem que os maiores níveis de prazer sexual são atingidos sem existir qualquer tipo de afeição pelo parceiro e que o casamento e a paternidade são sexualmente limitadores e pouco atrativos (Doring, 2009; Ward, 2003; Zillmann, 2000). A maior frequência do uso de conteúdo sexualmente explícito está também associada a uma baixa satisfação relacional e sexual (Morgan, 2011).

Pelos retratos muitas vezes irrealistas e até chocantes que o CSE vincula acerca das relações íntimas, do sexo, dos ideais de corpo e da performance sexual (Flood, 2009; Lofgren-Martenson & Mansson, 2010) considera-se também que a exposição a diferentes tipos de conteúdo sexualmente explícito pode ser causadora da

vivência de um conjunto de emoções negativas como a vergonha, a ansiedade, a raiva ou o nojo que, por sua vez, podem comprometer uma vivência saudável da sexualidade (Bogt, Engels, Bogers & Kloosterman, 2010; Sabina, Wolak & Finkelhor, 2008) para além de contribuírem negativamente para a formação do *self* conceito e da imagem corporal, o que pode estar na etimologia de uma variedade de problemas psicológicos e físicos, como distúrbios alimentares, disfunções sexuais e a depressão (Owens, Behun, Manning & Reid, 2012).

Relativamente às expectativas e atribuições sexuais, Ward (2003) refere que existe uma tendência dos consumidores transportarem o conteúdo fictício do que é visto nos *media* para a realidade, desenvolvendo expectativas acerca das interações sexuais da vida real. Por exemplo, frequentemente presente nos *media* está a superestimação do número de jovens sexualmente ativos, o que dá a impressão e pressiona no sentido de que toda a gente faz sexo e que esse mesmo sexo é prevalente e fugaz.

A influência do CSE não deve ser só restrita às atitudes. Os comportamentos e as decisões de carácter sexual também podem ser afetados (Braun-Courville & Rojas, 2009).

Várias investigações referem que o consumo de CSE está associado a uma prevalência para desvalorizar ou ter atitudes negativas em relação à virgindade (Ward, 2003; Zillmann, 2000), bem como a um significativo decréscimo na idade da primeira relação sexual (Bleakley, Hennessy & Fishbein, 2011; Braun-Courville & Rojas, 2009; Kraus & Russell, 2008; Morgan, 2011), sendo que os adolescentes que assistem a mais conteúdo sexual são mais propensos a iniciar a sua vida sexual mais cedo e avançar para níveis mais avançados de atividades e experiências sexuais, para lá do coito ou da penetração vaginal (Collins, Elliott, Berry, Kanouse, Kunkel, Hunter & Miu, 2004). De acordo com a investigação de Morgan (2011) existe mesmo uma tendência

para futuramente as preferências sexuais irem ao encontro do tipo de práticas sexuais presentes no conteúdo sexualmente explícito que é visto.

Igualmente, o consumo de CSE pode levar a uma maior tendência de se ter um grande número de parceiros e experiências sexuais casuais (Morgan, 2011; Ward, 2003), bem como a uma maior incidência em comportamentos de promiscuidade e de permissividade (Braun-Courville & Rojas, 2009; Zillmann, 2000) em comparação àqueles que nunca foram expostos ou que não visualizam conteúdo sexualmente explícito com alguma frequência.

Alguns riscos inerentes, como a percepção do corpo como um simples objeto de prazer, a vivência compulsiva da sexualidade ou os comportamentos de perversão, podem surgir quando o indivíduo experiencia a sua sexualidade, de forma frequente e repetida, via o CSE transmitido pelos *media*. E em casos mais extremos, os indivíduos podem-se tornar dependentes de conteúdo sexualmente explícito, viciados em sexo, *voyeurs* ou mesmo manifestarem fetiches desviantes ou híper-erotização (Doring, 2009; Salmon & Zdanowicz, 2007).

Outras investigações na mesma linha concluíram que os adolescentes expostos a conteúdos sexualmente explícitos têm maior probabilidade de usarem álcool ou outras substâncias em encontros sexuais (Braun-Courville & Rojas, 2009).

Porém existem outros riscos inerentes ao consumo de CSE que devem ser tidos em consideração, nomeadamente no que concerne à saúde. Porque o CSE raramente mostra consequências negativas dos atos sexuais (Peter & Valkenburg, 2011b) pode existir uma influência no que concerne à saúde sexual e reprodutiva (Chandra, Martino, Collins, Elliott, Berry, Kanouse & Miu, 2008). Os estudos têm concluído que os adolescentes que são consumidores de CSE têm um maior descuido no que toca à prevenção (Bleakley, Hennessy & Fishbein, 2011; Salmon & Zdanowicz, 2007), existindo uma associação entre a visualização de CSE e atitudes negativas em relação ao uso de preservativo, bem como a uma maior probabilidade de contrair uma

infecção sexualmente transmissível (Braun-Courville & Rojas, 2009). Segundo estes últimos autores, a exposição a conteúdo sexualmente explícito pode também prever a gravidez na adolescência, o que significa que os jovens, quando vivem uma experiência sexual fora do contexto dos *media*, podem transportar a ideia de que não precisam de se proteger ou tomar qualquer tipo de precaução durante o ato sexual porque a vivência da sexualidade transmitida pelos meios de comunicação dá a ideia de que ela é segura, positiva e independente de métodos de proteção (Bleakley, Hennessy & Fishbein, 2011; Salmon & Zdanowicz, 2007).

No entanto, há que referir que as variações neste tipo de influência em ter comportamentos e atitudes sexuais mais liberais e promíscuos ou mesmo de cair numa espiral de dependência e de comportamentos sexuais desviantes dependem de um conjunto de fatores como as características demográficas, as estruturas de personalidade, os esquemas mentais, os níveis de *self*-estima, as referências externas (pais, escola, etc.), o sistema de crenças e valores e o meio onde o indivíduo se insere (Peter & Valkenburg, 2011b; Salmon & Zdanowicz, 2007; Ward, 2003).

Igualmente, esta influência pode ser justificada pelo facto de os adolescentes ainda estarem a desenvolver o seu *self* sexual, pelo que é mais fácil serem influenciados pelo conteúdo sexualmente explícito e adotarem comportamentos de risco ou retratos estereotipados acerca da vida sexual e dos papéis que homem e mulher desempenham na vivência da mesma, numa altura em esse *self* conceito está menos estabelecido e em que procuram definir e gerir as mudanças físicas e psicológicas em que se encontram (Peter & Valkenburg, 2011a; Ward, 2003).

2.4. Programas de Intervenção na área da Educação Sexual

2.4.1. Importância dos Programas de Intervenção.

Se é um facto que os adolescentes são alvo de um conjunto de retratos da sexualidade por parte do CSE e que essas representações podem ter efeitos na forma como vão perceber e vivenciar a mesma, então é necessário orientá-los para mitigar eventuais consequências negativas que possam advir do contacto com este tipo de conteúdo. E porque se torna mais complicado impedi-los de estabelecerem esse contacto – até porque não raras vezes ele é de carácter involuntário – a solução mais adequada é educá-los acerca do CSE (Peter & Valkenburg, 2010).

É neste âmbito que a importância da educação sexual junto dos jovens se evidencia. Considerando que a educação sexual tem como objetivo fundamental, através de um diálogo franco, fornecer informação atual e completa acerca da sexualidade e trabalhar conhecimentos, atitudes e comportamentos sexuais no sentido de capacitar os indivíduos para fazerem escolhas informadas e seguras e adotarem comportamentos saudáveis na área da sexualidade, a intervenção nesta área, particularmente junto dos jovens, surge como uma ferramenta útil e o modo mais eficaz para prevenir comportamentos sexuais de risco, estimular a adoção de estilos de vida saudáveis e incrementar atitudes adequadas em relação aos relacionamentos afetivos e sexuais e à sexualidade, quer a própria, como a do outro (Matos *et al.*, 2008; Mueller, Gavin, & Kulkarni, 2008; Ramiro, 2013; Ramiro, Matos, & Vilar, 2008; Ramiro, Reis, Matos, & Diniz, 2011; Salmon & Zdanowicz, 2007; Sampaio, Baptista, Matos, & Silva, 2007). A ideia subjacente passa, portanto, por substituir crenças infundadas por conhecimentos corretos e perspetivar a sexualidade como uma fonte gratificante de saúde e de prazer, não só tornando os jovens mais sensíveis para estas questões, como promovendo nestes um espírito crítico e uma tomada de posição aquando, por

exemplo, são confrontados com conteúdo sexualmente explícito (Alferes, 1996; Sampaio, Baptista, Matos, & Silva, 2007).

E dada não só a curiosidade natural dos jovens acerca da sexualidade mas também a plasticidade da personalidade que caracteriza a adolescência como uma fase privilegiada de construção da identidade, é aceitável que os adolescentes, em comparação com os adultos, sejam mais recetivos a compreender os conceitos e as experiências que os podem ajudar a ter uma maturidade física, psicológica e sexual mais saudável, o que leva a crer que os projetos de intervenção nesta faixa etária têm mais sentido (Dotta, Alves, Koller, & Brito, 2000; Ramiro, 2013; Salmon & Zdanowicz, 2007).

Os efeitos dos programas de intervenção no âmbito da educação sexual têm sido estudados por alguns teóricos que referem existir um impacto positivo e protetor destes programas no que concerne aos comportamentos, conhecimentos e atitudes sexuais dos jovens e, não menos importante, que não produzem quaisquer efeitos negativos (Kirby, Laris, & Rolleri, 2007; Lindberg & Maddow-Zimet, 2012; Matos *et al*, 2008; Matos *et al*, 2013; Mueller, Gavin, & Kulkarni, 2008; Ramiro, 2013; Ramiro, Reis, Matos, & Diniz, 2011; Synovitz, Herbert, Kelley, & Carlson, 2002; Vilar & Ferreira, 2009). A tendência é pois para os jovens adotarem comportamentos preventivos e adequados, reportando igualmente um acréscimo na *self*-estima e uma vivência mais gratificante da sexualidade. No caso específico das intervenções no âmbito do CSE, as investigações demonstram alguma eficácia no que toca a minimizar o impacto da exposição a conteúdo sexualmente explícito, o que leva a concluir que os esforços educativos neste âmbito têm um impacto positivo (Allen, Alessio, Emmers, & Gebhardt, 1996).

Particularmente, relativamente ao estado da arte no nosso país, embora a educação sexual em meio escolar seja obrigatória em Portugal desde 1983, decorridos trinta anos da sua regulamentação, ainda não é uma prática comum em todas as

escolas portuguesas e são poucos os estudos que avaliam os seus efeitos (Ramiro, 2013). A par disto, no que se refere a programas de intervenção na área do CSE, na extensão do nosso conhecimento e pesquisa realizada, desconhecemos a existência da implementação dos mesmos no nosso país.

2.4.2. Fatores de sucesso dos programas.

Segundo os autores, para os projetos de intervenção na área da educação sexual serem bem-sucedidos, devem ser baseados em teorias empiricamente suportadas e trabalhar, não só a informação e a transmissão de conhecimentos, mas também a motivação e o treino de competências comportamentais (Dotta, Alves, Koller, & Brito, 2000; Kirby, Laris, & Rolleri, 2007; Matos *et al.*, 2008; Ramiro, 2013; Ramiro, Matos, & Vilar, 2008; Ramiro, Reis, Matos, & Diniz, 2011; Sampaio, Baptista, Matos, & Silva, 2007; Schaalma, Abraham, Gillmore, & Kok, 2004; Shtarkshall, Santelli, & Hirsch, 2007; Zillmann, 2000).

Embora os conhecimentos sejam um pré-requisito importante, não garantem por si só comportamentos preventivos. A realidade é que a informação só corrige uma parte do problema. Até porque independentemente do conhecimento, há uma diferença substancial entre aquilo que se sabe e aquilo que se faz. Ou seja, não desvalorizando o conhecimento, pode-se afirmar que ele, por si só, não despoleta mudanças comportamentais. Neste sentido, várias investigações verificaram a influência que outros fatores como as atitudes e as competências têm na adoção e manutenção dos comportamentos preventivos, concluindo que se os jovens tiverem conhecimentos, mas também motivação e disposição psicológica para adotarem comportamentos sexuais seguros, serão mais facilmente capazes de alterar as suas atitudes e os seus comportamentos (Ramiro 2013; Reis, Ramiro, Matos, & Diniz, 2011; Schaalma, Abraham, Gillmore, & Kok, 2004; Synovitz, Herbert, Kelley, & Carlson,

2002). Ramiro, Matos, & Vilar (2008) acrescentam ainda que os fatores de sucesso da educação sexual em meio escolar estão também, naturalmente, dependentes dos alunos. De facto, para os alunos usufruírem efetivamente da educação sexual e adotarem estilos de vida saudáveis, têm que estar motivados para a mudança, o que implica aquisição de conhecimentos, percepção de risco e controlo sobre o mesmo e avaliação da eficácia do comportamento protetor.

Adicionalmente, Harrison e Hillier (1999) referem que os programas não se devem focar apenas nas consequências negativas inerentes à sexualidade e em resolver problemas como, por exemplo, a gravidez na adolescência ou as infeções sexualmente transmissíveis. É necessário também potenciar o lado gratificante e prazeroso das relações humanas e da sexualidade.

Um bom programa de intervenção pressupõe estabelecer um ambiente de educação e de comunicação com base em estratégias educativas, formativas, dinâmicas e de sensibilização e com recurso a técnicas como discussões em grupo, exercícios planificados, recriação de cenários, modelagem por vídeo e *role-playings*. É fundamental dinamizar, dentro de cada atividade, espaço para reflexão, discussão e avaliação do exercício realizado e as suas implicações, no sentido de promover competências e comportamentos preventivos (Baptista *et al.*, 2011; Dotta, Alves, Koller, & Brito, 2000; Matos, *et al.*, 2008; Matos, & Vilar, 2008; Ramiro, 2013; Salmon & Zdanowicz, 2007; Schaalma, Abraham, Gillmore, & Kok, 2004).

É fulcral trabalhar a pressão de pares, a negociação, os mitos e tabus que envolvem o tema da sexualidade, a responsabilização e a consciencialização de comportamentos, fazendo uma associação clara entre as experiências vividas no quotidiano e as questões inerentes ao desenvolvimento do adolescente, como a *self*-estima, a identidade e o grupo de amigos, no sentido de fomentar a valorização de uma prática sexual saudável e consciente (Dotta, Alves, Koller, & Brito, 2000; Schaalma, Abraham, Gillmore, & Kok, 2004).

A promoção da saúde sexual depende de se conseguir estabelecer uma atmosfera segura e democrática junto do grupo, em que os jovens se sintam sem medo de juízos de valor e à vontade para discutir questões íntimas que muitas vezes são vistas como tabu (Ramiro, Matos, & Vilar, 2008; Schaalma, Abraham, Gillmore, & Kok, 2004).

Igualmente, os programas de educação sexual considerados eficazes têm também em consideração as características e as necessidades específicas dos jovens a que se destinam. Conceptualizando uma abordagem mais equitativa da sexualidade, em que as diferenças entre os géneros e entre cada indivíduo não só são respeitadas, como também valorizadas, torna as intervenções mais flexíveis e englobantes (Harrison & Hillier, 1999; Ramiro, 2013; Ramiro, Matos, & Vilar, 2008; Sampaio, Baptista, Matos, & Silva, 2007; Synovitz, Herbert, Kelley, & Carlson, 2002; Vilar & Ferreira, 2009).

2.4.3. Fatores de insucesso dos programas.

Por outro lado, para lá da eficácia dos programas de intervenção que abordam a temática da educação sexual, os autores referem que, independentemente de como os programas forem desenhados, existem um conjunto de fatores que podem influenciar a eficácia das intervenções (Alferes, 1996; Pereira, Matos, & Leal, 2011; Peter & Valkenburg, 2011b; Sampaio, Baptista, Matos, & Silva, 2007; Schaalma, Abraham, Gillmore, & Kok, 2004; Synovitz, Herbert, Kelley, & Carlson, 2002; Vilar & Ferreira, 2009).

Se pensarmos que o jovem não é uma peça isolada e que, na realidade, move-se e sofre influência de um conjunto de sistemas interligados que estão à sua volta, então torna-se claro porque é que nem sempre todos os programas são bem-sucedidos. Existe, de facto, uma influência sobre a socialização sexual dos jovens por

parte da cultura, dos pais, dos amigos, do contexto escolar e, como referido anteriormente, dos *media*. Se estas influências agirem no mesmo sentido, tanto maior será a probabilidade dos jovens adotarem valores e comportamentos semelhantes. No entanto, a influência nem sempre é no mesmo sentido, sendo até, por vezes, em sentidos opostos. Nesta perspetiva, são as características destes sistemas, e não dos indivíduos, que moldam as vivências de cada indivíduo, influenciando os seus comportamentos, pelo que tanto se podem revestir como fatores promotores do desenvolvimento saudável dos indivíduos como podem influenciar negativamente se se constituírem de aspetos menos positivos. A questão é que essa influência é, não raras vezes, maioritariamente negativa, especialmente quando pensamos nos pais, nos professores e nos pares.

No caso dos primeiros, os pais têm muitas vezes oportunidades para promover e rentabilizar a educação sexual, porém ou não o fazem por uma questão de vergonha ou um sentimento de incapacidade e falta de conhecimentos ou quando o fazem, fazem-no de forma autoritária, castrando e reprimindo os filhos em vez de explicar as situações, ou transmitindo crenças e atitudes erradas acerca da sexualidade (Matos *et al.*, 2008; Sampaio, Baptista, Matos, & Silva, 2007).

Por isso, frequentemente, o peso das “conversas sérias” incide no contexto escolar, principalmente nos professores, que na realidade não diferem muito dos pais nas atitudes. Podendo ser uma fonte de informação fidedigna para os jovens, frequentemente, não o são por também não se sentirem preparados ou confortáveis para falar desses assuntos (Ramiro, Matos, & Vilar, 2008). Por outro lado, esta atitude leva a que os alunos não percecionem os professores como agentes que os deixem confortáveis quando necessitam de abordar tópicos relacionados com a educação sexual, sendo que a escolha muitas vezes recai nos amigos e colegas (Ramiro, Reis, Matos, & Diniz, 2011).

O grupo de pares tem uma influência considerável no comportamento de muitos adolescentes, verificando-se que os que têm uma relação estreita com o grupo revelam tendência para procurar estar sintonizados com as atitudes e atos deste, sejam ajustados ou não, podendo conseqüentemente o grupo de pares constituir-se como fator protetor ou de risco (Matos *et al.*, 2008; Peter & Valkenburg, 2011a). Conforme o grupo condene ou aceite determinados comportamentos ou crenças, assim serão as cognições, os afetos e as ações de cada indivíduo que lhe pertença. Assim, a eficácia de um programa é tanto quanto a forma como o indivíduo percebe as atitudes dos seus pares (Ramiro, 2013).

Seguindo estas linhas de raciocínio, considera-se que os programas de intervenção mais eficazes são aqueles que são integrados, holísticos e sistêmicos, ou seja, que consideram a dimensão bio-psico-social do indivíduo e o contexto de implementação e atuam não só com base na dinâmica que se estabelece entre todos os sistemas como trabalham com todos os sistemas em si, fornecendo competências, ferramentas e recursos a cada agente para atuar na área da educação sexual, uma premissa que é por si só desafiante pela complexidade que envolve (Baptista *et al.*, 2011; Chandra *et al.*, 2008; Dotta, Alves, Koller, & Brito, 2000; Matos *et al.*, 2008; Ramiro, Matos, & Vilar, 2008; Sampaio, Baptista, Matos, & Silva, 2007; Schaalma, Abraham, Gillmore, & Kok, 2004; Shtarkshall, Santelli, & Hirsch, 2007).

Além destes fatores, ainda se considera que o tempo que dura a intervenção tem influência nos resultados finais. As intervenções devem ser sistemáticas, duradouras e não pontuais, pois quanto mais tempo os jovens estiverem envolvidos, melhores serão os resultados em termos de eficácia do programa de intervenção. Também um curto espaço de tempo decorrido entre a implementação dos programas e a avaliação dos mesmos pode comprometer os resultados finais (Kirby, Laris, & Roller, 2007; Matos *et al.*, 2008; Ramiro, 2013; Ramiro, Matos, & Vilar, 2008). Isto pode dever-se também ao facto de que a educação sexual não tem sido adotada em

todas as escolas e nas que a adotam, a abordagem não ser toda igual, variando o currículo e o compromisso com este, pelo que é difícil definir a partir de que momento se pode avaliar o efeito da intervenção (Ramiro, Reis, Matos, & Diniz, 2011; Synovitz, Herbert, Kelley, & Carlson, 2002; Vilar & Ferreira, 2009).

Há ainda investigações que referem que a intervenção é tanto ou mais bem conseguida quanto mais precoce for realizada (Lindberg & Maddow-Zimet, 2012; Matos *et al.*, 2008; Mueller, Gavin, & Kulkarni, 2008; Ramiro, Matos, & Vilar, 2008). Ou seja, por ser mais fácil adotar comportamentos do que mudá-los, a educação sexual deve iniciar-se antes que os adolescentes iniciem a sua vida sexual, comecem a contactar com estímulos sexuais ou que assimilem com maior facilidade as influências externas dos sistemas em que se movem.

Apesar de, na sua maioria, as intervenções neste âmbito terem um impacto positivo, reconhece-se que existe uma grande dificuldade na avaliação de programas de educação sexual, pela complexidade que lhes está inerente e a maleabilidade que caracteriza a percepção da sexualidade na adolescência. Neste sentido, vários investigadores (Allen, Alessio, Emmers, & Gebhardt, 1996; Matos *et al.*, 2013; Ramiro, 2013; Vilar & Ferreira, 2009) têm limitado a avaliação apenas relativamente a alguns dos efeitos pretendidos e referem a importância de mais investigações nesta área que ajudem, efetivamente, a perceber as consequências a longo prazo e, conseqüentemente, a eficácia deste tipo de intervenções.

3. Investigação Empírica

3.1. Introdução

As investigações desenvolvidas nos últimos anos permitem supor que existe uma relação entre o consumo de conteúdo sexualmente explícito e a forma como se vive a sexualidade e as relações íntimas (Braun-Courville & Rojas, 2009; Chandra, Martino, Collins, Elliott, Berry, Kanouse & Miu, 2008; Goodson, McCormick & Evans, 2001; Morgan, 2011; Ramiro, 2013; Ward, 2003; Zillmann, 2000). Os estudos evocam ainda a necessidade de uma intervenção junto dos jovens consumidores de conteúdos sexualmente explícitos de forma a balançar o retrato da sexualidade vinculado nesse tipo de conteúdos e a vivência da mesma (Matos *et al.*, 2008; Mueller, Gavin, & Kulkarni, 2008; Ramiro, 2013; Ramiro, Matos, & Vilar, 2008; Ramiro, Reis, Matos, & Diniz, 2011; Salmon & Zdanowicz, 2007; Sampaio, Baptista, Matos, & Silva, 2007).

O presente trabalho pretende dar continuidade às investigações já efetuadas ao se constituir como um estudo tipo investigação-ação, cujo principal objetivo é perceber qual o efeito das sessões de sensibilização sobre conteúdo sexualmente explícito em jovens do 3º ciclo do ensino básico no que concerne à intenção de procura de visualização de conteúdo sexualmente explícito, à intenção de deter comportamentos sexuais considerados extremos e à presença de expectativas e mitos sexuais irrealistas (figura 1).

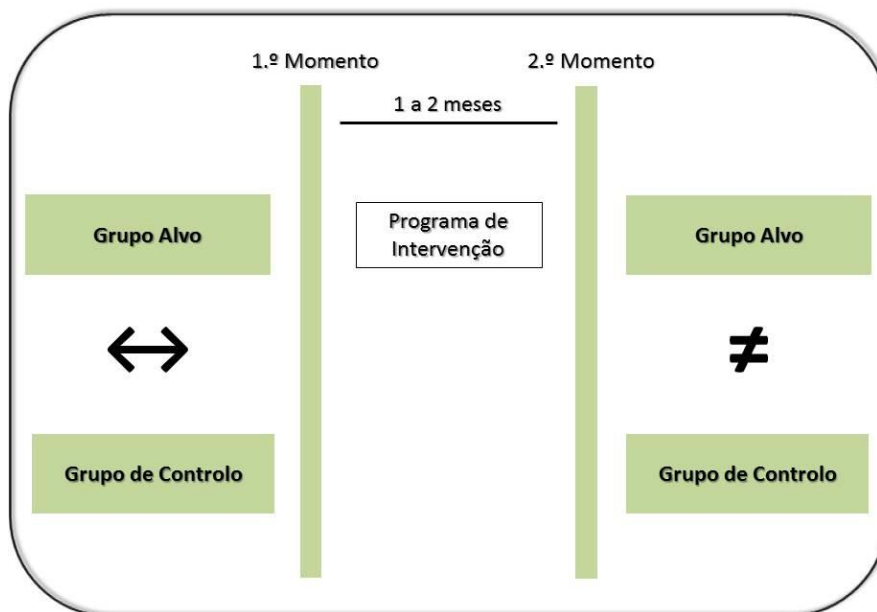


Figura 1

Modelo de análise do estudo

Este modelo coloca ênfase nas semelhanças entre ambos os grupos, alvo e de controlo, no que toca às variáveis em estudo aquando do início da investigação e as mudanças que se esperam encontrar no grupo alvo após a realização do programa de intervenção, em comparação com o grupo de controlo.

Assim, e considerando como base da presente investigação o modelo acima apresentado, as hipóteses deste estudo são:

H¹: O grupo alvo terá menor intenção de procura de visualização de conteúdo sexualmente explícito após as sessões de sensibilização;

H²: O grupo alvo terá menor intenção de deter comportamentos sexuais considerados extremos após as sessões de sensibilização;

H³: O grupo alvo terá expectativas face à sexualidade mais realistas após as sessões de sensibilização.

Neste sentido, como variável independente considera-se o programa de intervenção, enquanto a intenção de procura de visualização de conteúdo sexualmente explícito, os comportamentos sexuais e as expectativas em relação à sexualidade revestem-se como as variáveis dependentes do presente estudo.

3.2. Metodologia

3.2.1. População e Amostra.

A amostra foi recolhida de forma não probabilística, por conveniência, tendo como base a população dos jovens portugueses, estudantes de uma escola de ensino básico da região do Algarve a frequentar o 8.º ano do Ensino Básico português. A amostra final, na qual se baseia este estudo, é de 40 alunos, dividida em dois grupos (grupo alvo e grupo de controlo) equivalentes entre si, de acordo com a turma de origem.

3.2.2. Procedimento.

Foi solicitada a autorização de recolha de dados junto de duas turmas do 8º ano de escolaridade a uma escola de ensino básico da região algarvia. Após o parecer favorável do Diretor do Agrupamento, conforme previsto no regulamento relativo à administração de questionários e de realização de inquéritos em meio escolar, o instrumento criado para a recolha de dados foi submetido à apreciação da Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC) em *site* próprio para monitorização de projetos de investigação como o presente. Sendo garantida a qualidade e o rigor do questionário, a sua aplicação careceu ainda da autorização expressa, por escrito, dos encarregados de educação a fim de oficializar a participação

voluntária dos alunos na investigação, sendo-lhes garantido o anonimato e a confidencialidade das respostas dos seus educandos.

Após todo este processo, e segundo indicação de técnicos do GAAF – Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família do agrupamento escolar em questão, de qual das duas turmas beneficiaria mais com uma intervenção nos pressupostos da presente investigação, estabeleceu-se o grupo alvo e considerou-se a outra turma como o grupo de controlo, com o propósito de medir o efeito do programa nas variáveis em estudo. Foram entregues a ambos os grupos os questionários para serem preenchidos, de forma anónima, em contexto de sala de aula, no mesmo período temporal e assegurando as mesmas condições de tempo de preenchimento.

Após a recolha dos questionários devidamente preenchidos, foi realizada uma breve avaliação e levantamento de necessidades com base nas respostas fornecidas, no sentido de auxiliar a elaboração do programa de intervenção. O programa de intervenção constituiu em quatro sessões *in loco* com o grupo alvo, espaçadas no tempo entre si, com a duração de 45 a 60 minutos cada e realizadas em contexto de sala de aula, com o objetivo final de confirmar as hipóteses em estudo.

Findo o programa de intervenção, foi novamente solicitado a ambos os grupos que voltassem a preencher o questionário, nas mesmas condições que o tinham feito anteriormente.

Concluída a recolha dos questionários, procedeu-se ao processamento dos dados no programa estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) versão 21.0 para o Windows. A análise dos resultados foi efetuada com recurso a procedimentos descritivos para fazer a análise univariada das variáveis consideradas no estudo. Foram também utilizados procedimentos de estatística indutiva, nomeadamente o Teste T de *Student* para a comparação das diferenças entre grupos, e para verificar o efeito das sessões nas variáveis dependentes recorreu-se a ANOVA

de medidas repetidas. Os resultados foram considerados significativos para o nível de 95% de confiança.

3.2.3. Instrumentos

3.2.3.1. Questionário.

De forma a prosseguir os objetivos anteriormente propostos, foi primeiramente utilizado um questionário (ver anexo I) composto por um conjunto de questões com o fim de se conseguir um levantamento de necessidades. Este questionário foi passado em ambos os grupos, antes e após a aplicação do programa de intervenção.

Para a caracterização da amostra foi solicitado aos participantes que indicassem alguns dados sociodemográficos, como a idade (*Que idade tens?*), o género (*Qual o teu género?*), o local de residência (*Qual o teu local de residência?*), entre outros.

Com o propósito de medir a intenção de procura de visualização de conteúdos sexualmente explícitos e os comportamentos sexuais existentes e as expectativas face à sexualidade, foram construídos dois grupos de questões distintos, referentes a cada uma das variáveis supramencionadas. No caso da primeira, através de um conjunto de questões com várias opções de resposta, os participantes tinham de assinalar a resposta que melhor se adequava à sua experiência no contacto com conteúdo sexualmente explícito (*Já alguma vez tiveste contacto com conteúdo sexualmente explícito?*). No caso dos comportamentos sexuais existentes e das expectativas face à sexualidade, as respostas foram obtidas através de uma escala de tipo *Likert* com 5 pontos, sendo que os mesmos variavam conforme as questões. Dos catorze itens apresentados, em oito o 1 correspondia a “Concordo Totalmente” e o 7 a “Discordo Totalmente”. Nas restantes seis questões, o 1 correspondia à opção “Discordo Totalmente” e o 7 a “Concordo Totalmente”. Independentemente desta variância, ao

participante era pedido que, perante o cenário proposto, indicasse em que grau cada uma das afirmações ia ao encontro ou não das suas respostas cognitivas e comportamentais (*O homem tem um papel mais importante que a mulher; A mulher deve satisfazer todos os desejos e vontades do homem*).

O questionário finalizava com um conjunto de questões cujas respostas também eram dadas numa escala de tipo *Likert* com 7 pontos, com o objetivo de aplicar a Teoria do Comportamento Planeado à temática em estudo (*No que toca ao consumo de conteúdo sexualmente explícito, eu deveria fazer aquilo que os meus melhores amigos e os mais importantes para mim dizem*).

3.2.3.2. Programa de Intervenção.

Relativamente ao programa de intervenção, foram construídas um conjunto de quatro sessões dirigidas ao grupo alvo, com a duração de 45 a 60 minutos, passíveis de serem dinamizadas em contexto de sala de aula.

Considerando as hipóteses do presente estudo, cada sessão focou subtemas específicos. A primeira sessão focou o tema dos “Mitos Sexuais”, com o objetivo de eliminar preconceitos e clarificar ideias erradas acerca da sexualidade e das relações íntimas. A segunda abordou a questão dos “Papéis de Género” com o propósito de promover a capacidade de identificar e reconhecer mensagens explícitas e implícitas sobre os papéis e as relações de género nos diferentes tipos de *media*. Tendo em vista o papel de destaque que os pares tomam na faixa etária da presente amostra, a terceira sessão foi dedicada ao tema da “Resistência à pressão de pares”, com o fim de refletir acerca das relações interpessoais e o peso destas nas opiniões e comportamentos que o indivíduo adota. Por fim, a quarta e última sessão foi reservada para trabalhar a “Auto-Estima”, por ser considerada um mediador da influência que os outros possam ter em nós, bem como, da identificação com *role models*, muitas vezes eles próprios estreitamente relacionados com conteúdo sexualmente explícito.

O objetivo final deste instrumento era que os alunos percebessem que o conteúdo sexualmente explícito é muitas vezes acedido de forma involuntária e que não corresponde necessariamente aos padrões sexuais reais. Assumindo que os alunos acedem a esses conteúdos, procurou-se assim trabalhar a relação entre o conteúdo sexualmente explícito e os comportamentos, atitudes e valores relacionados com a sexualidade.

4. Resultados

4.1. Caracterização da Amostra

Participaram no estudo 40 indivíduos com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos a frequentar o 8º ano do Ensino Básico. Foram distribuídos por dois grupos, controlo e alvo, de acordo com a pertença à turma de origem. Na medida do pré-teste, o grupo alvo integrou 18 participantes e o grupo de controlo 22. A média das idades foi de 14 anos e a distribuição da idade mostrou-se idêntica entre ambos os grupos ($t_{(38, 40)}=0.856$, $p=0.397$).

No grupo alvo verificou-se uma distribuição de homens e de mulheres em igual proporção (50.0%), enquanto no grupo de controlo existe uma prevalência de homens (72.7%). Contudo, a distribuição do género na amostra é independentemente do grupo ($\chi^2_{(1, 40)}=2.18$; $p=0.140$).

Relativamente à residência, 86.4% dos participantes do grupo de controlo e 88.9% dos participantes do grupo alvo são oriundos de zonas urbanas. Esta distribuição também é independente do grupo de pertença ($\chi^2_{(1, 40)}=0.63$; $p=0.429$).

A questão relativa ao agregado familiar permitia respostas múltiplas, tendo sido necessário realizar uma análise específica para a análise da frequência das respostas dos participantes. As opções de resposta mais mencionadas são viver com a mãe, viver com o pai e viver com os irmãos (tabela 1).

Tabela 1

Tabela de frequência de respostas múltiplas do agregado familiar por grupo de análise

| | Pai | Mãe | Irmãos | Avós | Outros | Total |
|----------|-------|-------|--------|-------|--------|--------|
| Controlo | 16 | 19 | 16 | 5 | 7 | 22 |
| | 40.0% | 47.5% | 40.0% | 12.5% | 17.5% | 55.0% |
| Alvo | 10 | 17 | 10 | 2 | 2 | 18 |
| | 25.0% | 42.5% | 25.0% | 5.0% | 5.0% | 45.0% |
| Total | 26 | 36 | 26 | 7 | 9 | 40 |
| | 65.0% | 90.0% | 65.0% | 17.5% | 22.5% | 100.0% |

Estes resultados são independentes do grupo de resposta ($X^2_{(5, 40)}=6.64$; $p=0.248$). A média do número de irmãos no grupo alvo é de 1.19 e de 1.77 no de controlo. A distribuição é idêntica nos dois grupos ($t_{(36, 40)}=1.571$; $p=0.125$). No caso da posição na fratria, a distribuição em ambos os grupos é mais predominante enquanto primeiro filho (Alvo = 40.1%; Controlo = 45.4%) e segundo filho (Alvo = 36.4%; Controlo = 36.4%). Os resultados mostram também que os grupos são independentes na distribuição da fratria ($X^2_{(3)}=0.16$; $p=0.984$).

Já para as variáveis que dizem respeito às condições da moradia e à acessibilidade a novas tecnologias e meios de comunicação, verifica-se que em ambos os grupos, a maioria dos participantes têm quarto próprio (Alvo = 86.4%; Controlo = 77.8%, $X^2_{(1)}=0.505$; $p=0.477$), têm acesso à internet (Alvo = 95.4%; Controlo = 100.0%, $X^2_{(1)}=0.839$; $p=0.360$), têm computador próprio (Alvo = 81.8%; Controlo = 83.3%, $X^2_{(1)}= 0.016$; $p=0.900$), têm televisão no quarto (Alvo = 72.3%; Controlo = 83.3%, $X^2_{(1)}= 0.227$; $p=0.634$) e internet no telemóvel (Alvo = 63.6%; Controlo = 50.0%, $X^2_{(1)}= 0.753$; $p=0.385$).

A maioria dos participantes, independentemente do grupo, referem não receber mesada (Alvo= 15; Controlo = 18, $\chi^2_{(1)}=0.042$; $p=0.837$). Dos participantes que a auferem verifica-se uma média de €15 euros por semana.

4.2. Caracterização do Consumo de Conteúdos Sexualmente Explícitos (CSE)

Relativamente ao consumo de conteúdos sexualmente explícitos verifica-se a existência de diferenças entre os dois grupos. O grupo de controlo apresenta as seguintes ponderações: 81.8% já tiveram contacto com CSE, 13.6% não tiveram contacto e apenas 0.045% desconhecem se tiveram ou não contacto com esse tipo de conteúdos. No grupo alvo 44.4% dos participantes já tiveram contacto com CSE e 55.6% referem ainda não o ter tido. Estas diferenças são estatisticamente significativas ($\chi^2_{(2)}=8.298$; $p=0.016$), podendo afirmar-se que o grupo de controlo detém uma maior percentagem de indivíduos que já tiveram contacto com conteúdo sexualmente explícito.

Considerando estes resultados, as análises seguintes têm por base um total de 18 indivíduos que já tiveram contacto com CSE no grupo de controlo e 8 participantes nas mesmas condições, no grupo alvo. Dada a diferença do total dos indivíduos entre grupos e o facto do teste de independência ser sensível a esta problemática, adotou-se o *odds ratio* como forma de análise de possíveis diferenças entre as ponderações de resposta dos dois grupos.

Em relação aos participantes que já tiveram contacto com conteúdo sexualmente explícito, foi-lhes questionado se esse contacto foi intencional ou involuntário. Para o total de indivíduos avaliados, o grupo de controlo corresponde a 69.2% do total da amostra e o alvo a 30.8%. Desta forma, 27.7% dos indivíduos do grupo de controlo e 62.5% do grupo alvo referem ter consumido CSE intencionalmente. Apesar da diferença encontrada, as proporções não são

significativamente diferentes como se pode observar através do valor do *odds-ratio* (OR=0.231, IC95% = [0.040-1.347]).

Ainda no que concerne à procura intencional, foi questionado qual o motivo que conduz à procura do CSE, tendo sido assinalado um conjunto de 14 respostas de entre 5 opções possíveis. Os resultados mostram uma distribuição muito semelhante entre os grupos, com o motivo *Tinha curiosidade e procurei a ser* assinalado 64.3% das vezes, numa distribuição de 5/7 para o grupo de controlo e de 4/7 para o grupo alvo.

No campo do encontro involuntário de CSE, foi obtido um total de 20 conjugações de motivos, de um conjunto de 5 opções possíveis. Os parciais mostram que o motivo *Foi na televisão* é a opção mais popular para o grupo de controlo (12/18). O grupo alvo assinala apenas 4 respostas à questão, salientando-se de forma idêntica o mesmo motivo (2/4) e ainda *Foi na internet* (2/4). Relativamente ao contexto em que esse contacto foi estabelecido, em ambos os grupos, 58.8% dos participantes do grupo de controlo e 41.2% do grupo alvo referem que se encontravam sozinhos. Apesar da diferença encontrada, as proporções não são significativamente diferentes como se pode observar através do valor do *odds-ratio* (OR=0.179, IC95% = [0.018-1.767]).

Após o primeiro contacto com o conteúdo sexualmente explícito, 53.8% dos participantes do grupo de controlo e 46.2% voltaram a procurar CSE voluntariamente. Contudo, as proporções não são significativamente diferentes (OR=0.212, IC95% = [0.033-1.362]). Para estes indivíduos, os principais motivos que levaram a que voltassem a procurar CSE foram, para ambos os grupos, *Tinha curiosidade e procurei* (45.4% controlo e 41.6% alvo, para o total de motivos assinalados) e *Queria excitar-me sexualmente* (27.3% controlo e 25.0% alvo, para o total de motivos assinalados). Em relação às possíveis sensações sentidas pelo consumo de CSE, os participantes do grupo de controlo assinalam com maior frequência *Sinto-me excitado* (35.0%). Os

participantes do grupo alvo referem a mesma sensação (33.3%) e *Sinto-me adulto* (33.3%).

Os alunos foram ainda inquiridos se comentam com alguém o consumo de CSE, tendo-se verificado que no grupo de controlo 63.2% referem não comentar com ninguém e 57.1% do grupo alvo têm o mesmo comportamento. A diferença entre as proporções não pode ser considerada estatisticamente significativa (OR=0.848, IC95% = [0.144 – 4.990]). Os participantes tinham à disposição uma listagem de figuras e eram-lhes pedido para assinalar qual ou quais eram passíveis de serem confidentes. Do total das respostas múltiplas obtidas, os amigos foram a figura mais assinalada quer pelo grupo de controlo (54.5%) quer pelo grupo alvo (60.0%).

4.3. Caracterização de preditores de consumo de conteúdo sexualmente explícito

Foram medidos as crenças e mitos, a atitude geral, norma subjetiva, controlo comportamental percebido e intenção do consumo de conteúdo sexual explícito. Foram conduzidas análises que permitam confirmar a fiabilidade do instrumento.

4.3.1 Crenças e mitos.

Foram medidos as crenças e mitos referentes à sexualidade. Os 14 itens foram sujeitos a uma análise fatorial de extração de componentes principais com rotação varimax (KMO=0.756, $X^2=439.469$, $p=0.000$), tendo-se observado a prevalência de uma estrutura tetrafatorial, em que o primeiro fator explica 33.28% da variação dos resultados da escala (figura 2).

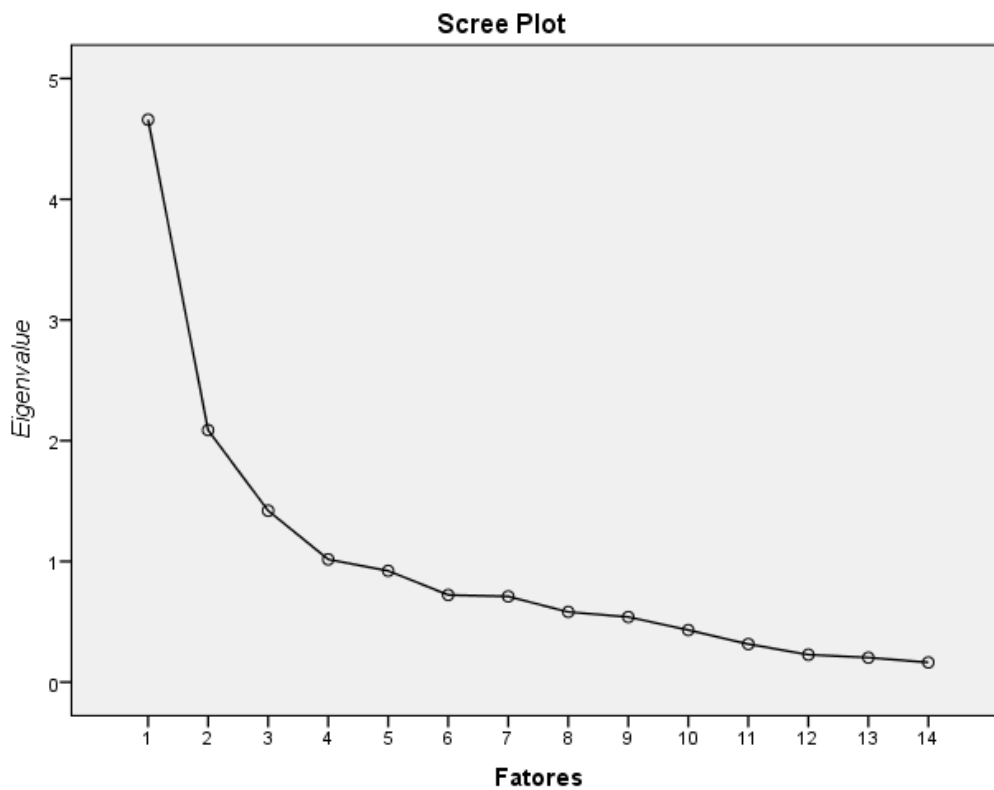


Figura 2

Screeplot análise fatorial de extração das componentes principais.

Como é passível de se observar no gráfico, o primeiro fator parece ter elevada expressividade na explicação da variância dos resultados obtidos com a escala. A análise da consistência interna mostra um valor de *alpha de Cronbach* geral de 0.835, o que representa uma elevada consistência. Analisando os fatores, verifica-se que 7 dos 14 itens saturam no primeiro fator, sendo que os restantes se distribuem pelos 3 outros fatores. A análise da consistência interna permite ainda observar que a extração dos itens 13 e 14 melhora o indicador, obtendo-se o valor de 0.843. Desta forma, optou-se por considerar os crenças e mitos como uma variável unidimensional, já que ao nível do conteúdo parece não existir qualquer ganho na criação de dois fatores distintos. Foi então criada uma variável computada entre os 12 itens finais que representa o grau da crença em que os participantes acreditam nas afirmações

desenhadas. Quanto mais elevado o valor obtido, mais os participantes acreditam nos mitos sexuais.

4.3.2. Atitude face ao CSE.

Foram utilizadas três afirmações para medir a atitude face ao conteúdo sexual explícito. A análise da consistência interna das afirmações foi de 0.910, o que permite afirmar que todos os itens medem o mesmo objetivo, estando fortemente correlacionados entre si. Para a análise foi criada uma variável final que congrega os três itens, e que quanto maior o valor mais favorável é a atitude do participante ao consumo de conteúdo sexualmente explícito.

4.3.3. Norma subjetiva dos amigos face ao CSE.

Foram utilizadas também três afirmações para medir a norma subjetiva dos amigos face ao consumo de conteúdos sexualmente explícitos. A fiabilidade do instrumento não é elevada ($\alpha = 0.692$), apesar de ainda se considerar aceitável. Observando a eliminação de itens, verifica-se que perante a extração do item 3, a consistência interna aumenta ($\alpha = 0.740$). Desta forma, retiveram-se dois itens (1 e 2) que foram agrupados numa variável geral. Quanto mais elevado o valor desta variável, mais pressão exercem os amigos na decisão de consumir CSE.

4.3.4 Controlo comportamental percebido.

O controlo comportamental percebido foi medido através de três itens, cuja fiabilidade interna se revelou baixa ($\alpha = 0.310$). Foi observada uma melhoria de resultados através da retirada do item 1 ($\alpha = 0.603$). Considerando-se um valor perto do limite do aceitável, foi criada a variável compósita. Quanto mais elevado o valor obtido nesta variável, maior o controlo comportamental percebido sobre o CSE.

4.3.5. Intenção.

A intenção foi medida através de um item único. A intenção de consumo de CSE é tanto maior quanto o valor obtido nesta medida direta.

4.3.6. Caracterização da distribuição das variáveis preditoras do consumo de CSE.

As variáveis foram caracterizadas na amostra geral e por subgrupo de análise (ver tabela 2). Os resultados da estatística descritiva mostram uma amostra de indivíduos que aderem pouco às crenças e mitos relativos à sexualidade, com metade da amostra a ter um valor de cerca de 28 pontos em 60 possíveis. A variável atitude pode variar entre o valor mínimo 3 e máximo de 21. A média de respostas situa-se próxima do centro da escala ($M=13.10$) e observa-se igualmente que 50% da amostra tem um valor igual ou inferior a 14. Considera-se que a atitude não é desfavorável ao consumo de CSE, no entanto não se podendo igualmente considerar muito favorável ao mesmo. Em relação à norma subjetiva, observa-se uma *mediana* de 8 pontos, numa escala de 14 possíveis. A média obtida é muito próxima (7.62), mostrando que os participantes sentem alguma pressão por parte dos amigos para consumirem CSE. No que concerne ao controlo comportamental percebido, a média de resposta é de 10.59, com uma *mediana* de 12.5, em 14 pontos possíveis. Pode-se assumir que os participantes percebem elevado controlo comportamental sobre o consumo de CSE. Finalmente, a intenção do consumo de CSE parece ser baixa, com uma média geral de 2.90 e uma *mediana* de 2. Contudo é de observar que o percentil 75 se situa no 4, indicando que 25% da amostra detém uma intenção favorável ao consumo.

A comparação entre os dois grupos de análise não revela diferenças significativas entre as médias de resposta do grupo alvo e controlo, podendo afirmar-se que os grupos partem do mesmo ponto em relação a estas variáveis preditoras.

Tabela 2

Distribuição das variáveis preditoras do consumo de CSE

| Variável | Média ± Desvio-padrão | | | Comparação das médias* Teste <i>t</i> de Student |
|-----------------------------------|-----------------------|---------------|---------------|---|
| | Geral | Controlo | Alvo | |
| Crenças e mitos | 28.775 ± 9.255 | 29.59 ± 9.455 | 27.78 ± 9.175 | $t_{(38, 40)} = 0.611, p=0.545$ |
| Atitude | 13.10 ± 5.058 | 12.59 ± 4.748 | 13.72 ± 5.486 | $t_{(38, 40)} = -0.699, p=0.489$ |
| Norma subjetiva | 7.62 ± 3.423 | 7.19 ± 2.695 | 8.11 ± 4.143 | $t_{(37, 40)} = -0.834, p=0.410$ |
| Controlo comportamental percebido | 11.22 ± 3.109 | 10.59 ± 3.333 | 12.00 ± 2.701 | $t_{(38, 40)} = -1.446, p=0.156$ |
| Intenção | 2.90 ± 2.146 | 2.73 ± 2.004 | 3.11 ± 2.349 | $t_{(38, 40)} = -0.558, p=0.580$ |

* Igualdade de variâncias assumidas – teste de *Levene* $p>0.050$

4.4. Avaliação da eficácia do programa de intervenção

O desenho fatorial 2 grupos [controlo vs. alvo] x 2 momentos [pré-teste vs. pós-teste] foi utilizado como forma de testagem da eficácia do programa de intervenção que tinha como objetivo final reduzir a intenção de consumo de conteúdos sexualmente explícitos através da modificação das crenças, atitude, norma subjetiva e controlo comportamental percebido. Foi conduzida uma análise univariada de medidas repetidas para estas variáveis que pretendia verificar a existência de diferenças entre sujeitos e entre grupo de análise ao longo dos dois momentos. Os elementos foram emparelhados, através de um código atribuído a cada questionário. Apesar do controlo realizado pelo investigador responsável pela recolha, verificou-se a existência de mortalidade de amostra entre os dois momentos: o grupo alvo reteve 17 participantes de 18 iniciais e o grupo de controlo 12 participantes, dos 22 originais. Em seguida, são sumariados os efeitos dos testes multivariados entre sujeitos (tabela 3). Dado que o pressuposto de esfericidade não pôde ser assumido ($p < 0.050$), utilizou-se a correção de *Greenhouse-Geiser* para os graus de liberdade, por ser mais apropriado para amostras de menor dimensão (Maroco, 2003).

Tabela 3

Testagem do efeito do programa nas variáveis preditoras de consumo de CSE

| Variável | Média de resposta por grupo e | | | | Teste para a significância do fator de medidas repetidas |
|---|-------------------------------|-------|-------|-------|---|
| | por momento | | | | |
| | Controlo | | Alvo | | |
| | Pré | Pós | Pré | Pós | |
| Crenças e mitos | 25.45 | 27.00 | 26.88 | 24.13 | $F_{(1, 27)} = 2.685, p=0.114,$ $\mu_p^2=0.097$ |
| Atitude face ao CSE | 12.36 | 10.27 | 13.75 | 14.19 | $F_{(1, 27)} = 0.931, p=0.344,$ $\mu_p^2=0.036$ |
| Norma subjetiva | 6.80 | 7.30 | 8.13 | 8.74 | $F_{(1, 27)} = 0.003, p=0.955,$ $\mu_p^2=0.000$ |
| Controlo comportamental percebido | 11.55 | 11.40 | 12.06 | 12.13 | $F_{(1, 27)} = 0.274, p=0.605,$ $\mu_p^2=0.011$ |
| Intenção | 2.18 | 4.64 | 2.47 | 3.81 | $F_{(1, 27)} = 3.630, p=0.068,$ $\mu_p^2=0.127$ |

Como é observável, o programa parece não ter surtido um efeito nas variáveis preditoras do consumo de conteúdos sexualmente explícitos.

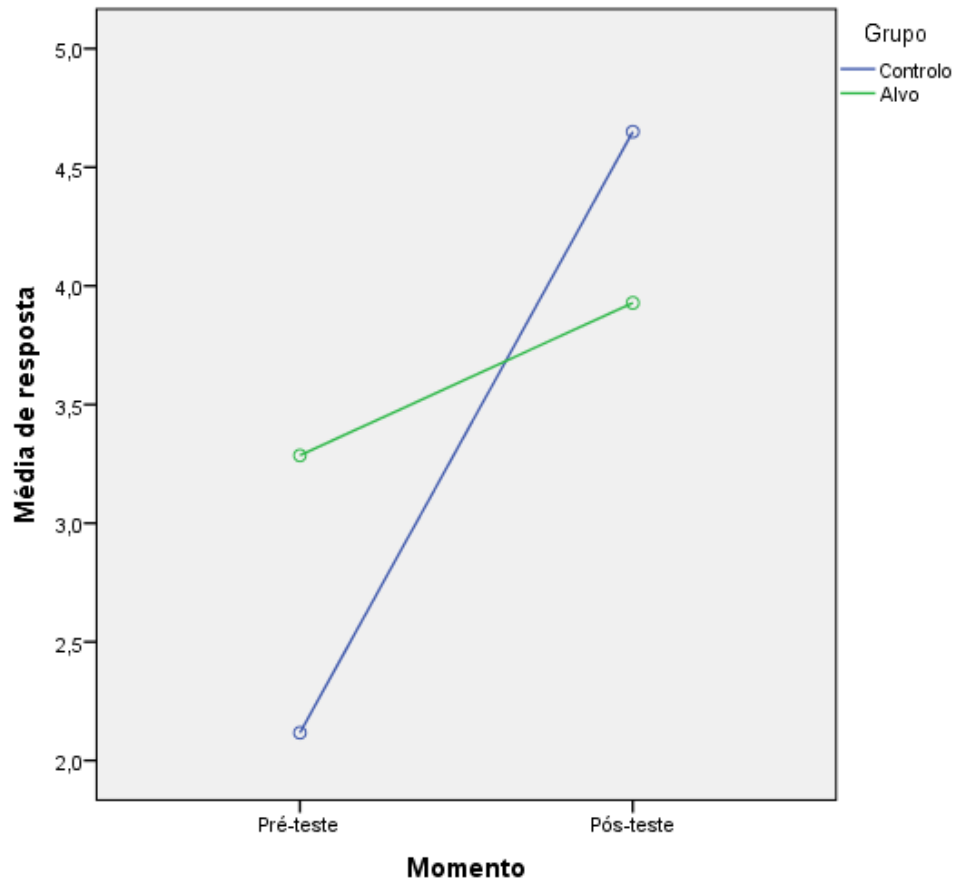


Figura 3

Screeplot efeito do programa nas variáveis predictoras de consumo de CSE.

Foram ainda testados os efeitos do género e da idade nas respostas dos participantes. Os resultados mostram que o género não afeta as respostas dos participantes ($p > 0.050$). Contudo verificou-se a existência de um efeito da idade dos participantes ao nível da variável “Intenção”. A idade foi recodificada numa variável dicotómica. O primeiro nível congregou os sujeitos com a idade escolar adequada ao ano letivo (13 e 14 anos) e o segundo os participantes com idades iguais ou superiores a 15 anos. Os resultados mostram que a idade afeta a intenção de consumo de conteúdos sexualmente explícitos ($F_{(1, 27)} = 7.272$, $p = 0.013$, $\mu_p^2 = 0.240$). Os gráficos seguintes pretendem ilustrar a média de resposta dos participantes à intenção de CSE pela idade, grupo e momento.

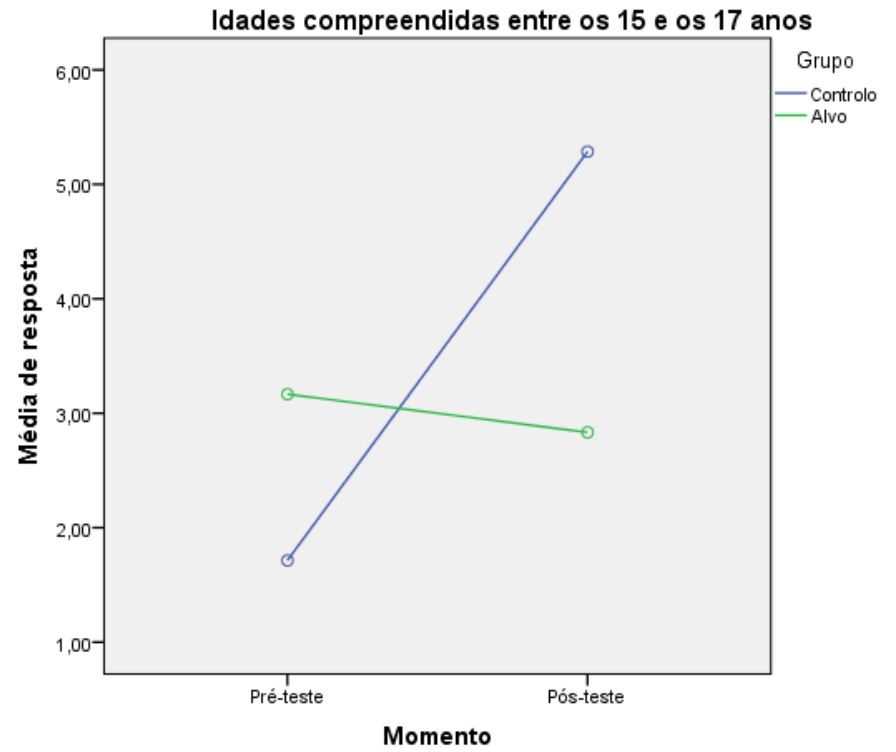
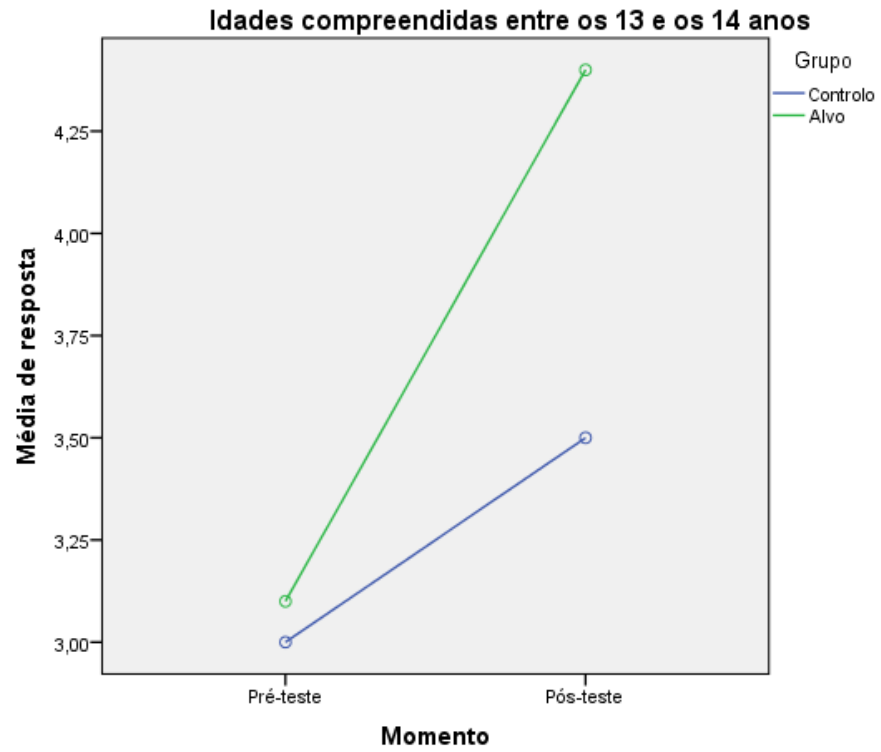


Figura 4

Screeplot distribuição de respostas pela idade.

5. Discussão

A presente investigação tinha como objetivo perceber qual o efeito das sessões de sensibilização sobre conteúdo sexualmente explícito em jovens do 3º ciclo do ensino básico, no que concerne à intenção de procura de visualização de conteúdo sexualmente explícito, à intenção de deter comportamentos sexuais considerados extremos e à presença de expectativas e mitos sexuais irrealistas

Atendendo aos resultados obtidos relativamente à caracterização da incidência do consumo de conteúdo sexualmente explícito da presente amostra, verifica-se que o grupo de controlo detém uma maior percentagem de indivíduos que já tiveram contacto com conteúdo sexualmente explícito, em contraste com o grupo alvo, onde a maior parte refere ainda não ter tido esse contacto.

Considerando a revisão da literatura anteriormente descrita (Braun-Courville & Rojas, 2009; Doring, 2009; Melby, 2010; Morgan, 2011; Peter & Valkenburg, 2010; Salmon & Zdanowicz, 2007; Ward, 2003), a maior incidência de contacto com o CSE por parte da amostra pode ser justificada pelo carácter livre e não restrito como esse conteúdo está disponível e pode ser acedido.

Relativamente às diferenças entre os grupos, estas podem-se dever a dois aspetos. Por um lado, apesar de o CSE estar disponível, o contacto ou não com o mesmo pode sofrer a influência do processo de descoberta da sexualidade e do ritmo e das necessidades de cada indivíduo (Bleakley, Hennessy & Fishbein, 2011). Isto é, se o indivíduo não sentir essa necessidade, não procura CSE, e mesmo que tenha oportunidade de contactos involuntários, mais depressa supre ou ignora o estímulo. Por outro lado, os resultados obtidos podem ser uma expressão não do real contacto, mas sim do desconhecimento do que se é o CSE, uma vez que esta caracterização é feita com base nos resultados do pré-teste.

Aquando da existência do contacto com conteúdo sexualmente explícito, os resultados indicam que, em ambos os grupos, este foi maioritariamente de forma intencional e por questões de curiosidade. O mesmo é referido após o primeiro

contacto com o conteúdo sexualmente explícito, em que a grande parte dos inquiridos menciona ter procurado CSE voluntariamente, na sua maioria também porque tinham curiosidade ou por questões de excitação sexual.

Este facto é largamente mencionado em investigações anteriores, que referem que o interesse no sexo e na sexualidade e a curiosidade própria da idade acerca destas questões estão muitas vezes associados ao consumo de CSE (Peter & Valkenburg, 2011b). Seja por questões de procura de (in)formação ou mesmo para excitação sexual, os autores referem este comportamento de procura revestido de curiosidade como normal, quase normativo e como um importante contributo para o desenvolvimento da identidade sexual e para a validação de comportamentos, desejos, fetiches e valores, independentemente do grau de experiência sexual ou do contacto prévio com CSE (Bleakley, Hennessy e Fishbein, 2011; Goodson, McCormick & Evans, 2001; Lofgren-Martenson & Mansson, 2010; Peter & Valkenburg, 2011b; Salmon & Zdanowicz, 2007).

Já quando o contacto foi involuntário, em ambos os grupos, este teve origem na televisão ou na internet - dois meios de comunicação de massas, acessíveis e habituais no quotidiano dos indivíduos, particularmente dos jovens, que recorrem constantemente a estes com fins recreativos, informativos e/ou educativos e, não raras vezes, independentemente da procura ativa por parte do sujeito, em pleno horário nobre, no caso da televisão, ou numa janela de publicidade numa página da internet, surgem mensagens, referências, insinuações e estímulos de carácter sexual, (Ramiro, 2013; Sabina, Wolak & Finkelhor, 2008; Spitznagel, 2009; Vilar & Ferreira, 2009; Zillmann, 2000).

Independentemente da forma como se estabeleceu o contacto, a maioria dos participantes quer do grupo de controlo como do grupo alvo, refere que se encontravam sozinhos aquando dessa ocasião. Considerando a incidência desta amostra no que concerne a ter quarto próprio e uma televisão no mesmo, bem como,

um computador próprio e acesso à internet, este resultado pode em muito dever-se à vantagem que estas condições oferecem no que diz respeito à possibilidade de contacto com o CSE. Ou seja, sendo assegurada a privacidade e um espaço próprio de descoberta e desenvolvimento, é mais provável que os jovens procurem usufruir dessas características de confidencialidade e de acessibilidade quando o assunto é a sexualidade (Salmon & Zdanowicz, 2007). Além disso, atentando que cada adolescente tem um ritmo próprio de desenvolvimento (Bleakley, Hennessy & Fishbein, 2011), esse contacto dito “solitário” faz todo o sentido, uma vez que é conseguido fora de pressões ou exposições a terceiros, numa atmosfera segura e que pode ser controlada pelo próprio sujeito (Ramiro, Matos, & Vilar, 2008; Schaalma, Abraham, Gillmore, & Kok, 2004; Ward, 2003).

Em conformidade com estes resultados, relativamente ao facto de partilharem essa experiência de contacto com alguém, a maioria da amostra refere que não o faz e os que partilham, na sua larga maioria, confidenciam com os amigos. De facto, tal como as investigações anteriores têm referido (Matos *et. al.*, 2008; Peter & Valkenburg, 2011a), o grupo de pares tem um papel fulcral no processo de socialização sexual de muitos adolescentes e uma influência considerável no seu comportamento, verificando-se que os que têm uma relação estreita com o grupo revelam tendência para procurar estar sintonizados com as atitudes e comportamentos do mesmo, bem como, uma tendência para ver nos pares um modelo, cuja opinião, conselhos e atitudes medeiam as suas próprias experiências e expectativas acerca da sexualidade, substituindo assim outros possíveis agentes educativos pela facilidade de contacto e o conforto e a confiança para falar de assuntos muitas vezes considerados tabu que estes últimos não lhes dão em comparação com os amigos (Ramiro, Reis, Matos, & Diniz, 2011).

Em relação às possíveis sensações sentidas pelo consumo de CSE, os participantes assinalam com maior frequência a excitação, bem como o sentir-se adulto. Se tivermos em conta os objetivos que o CSE serve quando é criado e disponibilizado, então estas sensações são as esperadas.

Relativamente à primeira sensação referida, a excitação, se considerarmos que o objetivo do CSE pode ser estimular e/ou aumentar a excitação sexual de quem a ele recorre e que, ao mesmo tempo, é comum que os jovens procurem o CSE como um recurso para a exploração do corpo e um estímulo para a masturbação, então as sensações congruentes com este propósito são mais do que adequadas.

Quanto ao facto de se sentirem adultos, como os adolescentes ainda estão numa fase de desenvolvimento do seu *self* sexual em que procuram definir e gerir as mudanças físicas e psicológicas em que se encontram, o contacto com CSE aproxima-os de uma realidade de comportamentos e valores sexuais que consideram estar ligados à vivência da vida sexual por parte dos homens e das mulheres (Peter & Valkenburg, 2011a; Ward, 2003). Ou seja, este facto está em si também ligado ao outro objetivo do CSE: revestir-se como uma expressão da sexualidade e um mediador entre esta e as relações humanas, apresentando aspetos da sexualidade que vão para lá da relação sexual e da excitação e que põem a vida sexual e as questões da intimidade em perspetiva (Miotto, 2012; Peter & Valkenburg, 2010).

No que concerne à caracterização da distribuição das variáveis preditoras de consumo de conteúdo sexualmente explícito, conclui-se que, relativamente às crenças e mitos, a amostra parece não possuir ideias irrealistas ou estereotipadas acerca da sexualidade.

Apesar da revisão empírica anteriormente descrita ter encontrado evidências que aquilo que é transmitido via *media* enquanto conteúdo sexualmente explícito pode ter uma influência negativa na formação das atitudes sexuais, dos valores e dos comportamentos dos jovens, os presentes resultados evidenciam um outro lado do

CSE também já considerado: o CSE como uma ferramenta que pode fornecer informações e esclarecer dúvidas e curiosidades de carácter sexual (Bleakley, Hennessy & Fishbein, 2011; Bogt, Engels, Bogers & Kloosterman, 2010; Braun-Courville & Rojas, 2009; Lofgren-Martenson & Mansson, 2010; Salmon & Zdanowicz, 2007; Ward, 2003), particularmente quando a sua visualização é sobretudo feita com base na curiosidade (Goodson, McCormick & Evans, 2001), algo que é marcadamente notório na presente amostra.

Por outro lado, deve-se também considerar os esforços até agora realizados por diversos agentes no que concerne à aplicação e desenvolvimento de projetos de educação sexual. De acordo com os autores (Kirby, Laris, & Rolleri, 2007; Lindberg & Maddow-Zimet, 2012; Matos *et al*, 2008; Matos *et al*, 2013; Mueller, Gavin, & Kulkarni, 2008; Ramiro, 2013; Ramiro, Reis, Matos, & Diniz, 2011; Synovitz, Herbert, Kelley, & Carlson, 2002; Vilar & Ferreira, 2009), a intervenção nesta área geralmente leva a uma tendência para os jovens adotarem comportamentos preventivos e adequados e a manifestarem atitudes apropriadas em relação aos relacionamentos afetivos e sexuais e à sexualidade, quer a própria, como a do outro. E considerando que a presente amostra, por se inserir no sistema de ensino público português, onde a educação sexual é obrigatória, já foi alvo de outras intervenções nesta área, podemos concluir que os esforços educativos neste âmbito têm um impacto positivo e que, de alguma forma, contribuíram, previamente à presente investigação, para minimizar o eventual impacto negativo decorrente do contacto com conteúdo sexualmente explícito.

Tendo presente os pressupostos da Teoria do Comportamento Planeado, no que concerne à atitude geral face ao CSE, os resultados indicam que a atitude não é desfavorável ao consumo de CSE, no entanto não se podendo igualmente considerar muito favorável ao mesmo. Sendo que segundo esta teoria as atitudes espelham crenças salientes e aspetos avaliativos destas crenças, podendo tanto corresponder a opiniões favoráveis e desfavoráveis e a sentimentos positivos como negativos do

indivíduo face ao envolvimento no comportamento, podemos afirmar que a forma como os jovens vêem o CSE é ambígua. Ora tanto pode ser uma fonte de excitação e de informação e um tópico muitas vezes referido pelos pares, como pode proporcionar um misto de sensações de vergonha e, por vezes, até de nojo e revestir-se como um comportamento que é muitas vezes recriminado pelos pais ou educadores (Bogt, Engels, Bogers & Kloosterman, 2010; Peter & Valkenburg, 2011b; Sabina, Wolak & Finkelhor, 2008).

Em relação à norma subjetiva, verifica-se que os participantes sentem alguma pressão por parte dos amigos para consumirem CSE, isto é, percebem que o seu grupo de pessoas significativas considera o consumo de CSE como um comportamento normal e esperado. À semelhança do que foi referido anteriormente, existe uma tendência para o grupo de pares influenciar o comportamento dos jovens e para estes últimos verem de tal modo os pares como modelos, que procuram estar sintonizados com as suas atitudes e comportamentos (Matos *et. al.*, 2008; Peter & Valkenburg, 2011a; Ramiro, Reis, Matos, & Diniz, 2011).

Quanto ao controlo comportamental percebido pode-se assumir que os participantes percebem elevado controlo comportamental sobre o consumo de CSE, isto é, acreditam ter facilidade em controlar se desempenham ou não o comportamento em causa, o que pode ser justificado pela tendência de se considerar que o conteúdo sexualmente explícito tem mais efeitos nos outros do que em si próprio (Doring, 2009).

Finalmente, relativamente à questão da intenção do consumo de conteúdo sexual explícito, a atitude parece ser favorável, o que indica uma tendência, encontrada por outros teóricos, relativamente ao comportamento de procura de CSE por parte dos jovens, seja por questões biológicas, por questões de curiosidade ou ainda para fins meramente educativos (Bleakley, Hennessy e Fishbein, 2011;

Goodson, McCormick & Evans, 2001; Lofgren-Martenson & Mansson, 2010; Peter & Valkenburg, 2011b; Salmon & Zdanowicz, 2007).

Assim, se a Teoria do Comportamento Planeado preconiza que quanto mais favorável for a atitude e a norma subjetiva relativamente ao comportamento e quanto maior for a percepção de controlo, maior deverá ser a intenção do indivíduo em deter o comportamento em questão (Ajzen & Fishbein, 1977 cit. por Alvarez, 2005), então pode-se concluir que, perante estes resultados, há uma certa tendência para a amostra acreditar que a visualização de CSE é algo agradável e benéfico, que os seus amigos aprovam a visualização de conteúdo sexualmente explícito e que detêm um grande controlo relativamente ao comportamento de visualizar ou não CSE. Ou seja, há uma atitude face ao CSE e uma norma subjetiva positivas, bem como, uma maior intenção de realização do comportamento de visualização de CSE.

De acordo com a avaliação da eficácia do programa de intervenção, que tinha como objetivo final reduzir a intenção de consumo de conteúdos sexualmente explícitos através da modificação das crenças, atitude, norma subjetiva e controlo comportamental percebido, comparando a existência de diferenças entre sujeitos e entre grupo de análise ao longo dos dois momentos de avaliação, conclui-se que o programa parece não ter surtido um efeito nas variáveis preditoras do consumo de conteúdos sexualmente explícitos, o que não corrobora as hipóteses do estudo.

Relativamente à hipótese 1, que preconizava que “o grupo alvo terá menor intenção de procura de visualização de conteúdo sexualmente explícito após as sessões de sensibilização”, a sua não confirmação poderá ser justificada pelo facto de não raras vezes este comportamento de consumo de CSE ter também como base uma atitude de desafio às regras e aos limites que são impostos aos jovens, dado que muitas vezes o CSE é considerado impróprio para a sua faixa etária e, por consequência, é-lhes vedado o acesso e usufruto (Peter & Valkenburg, 2011b).

Por outro lado, fora de alarmismos, é importante considerar o papel do CSE na sexualização sexual e a forma como o consumo de CSE está inerente ao desenvolvimento do *self sexual* que maioritariamente ocorre durante a adolescência. Assim sendo, a curiosidade que resulta desse processo predispõe os jovens não só para consumir CSE, como também, para a frequência desse consumo, tornando mais provável que se envolvam nele e que seja mais difícil suprir esse comportamento (Peter & Valkenburg, 2010).

De referir ainda que, independentemente da sensibilização que se faça acerca desta temática, a intenção de visualização de conteúdos sexualmente explícitos também depende de fatores psicossociais, que determinam a forma como os indivíduos lidam, processam e replicam a informação presente nesses mesmos conteúdos (Goodson, McCormick & Evans, 2001), bem como sofre influências de características de personalidade, características demográficas e meio envolvente (Peter & Valkenburg, 2011a)

Os resultados obtidos relativamente às crenças, às atitudes, à norma subjetiva e ao controlo comportamental percebido indicam que estas variáveis não sofreram alterações, o que significa que a hipótese 2 “o grupo alvo terá menor intenção de deter comportamentos sexuais considerados extremos após as sessões de sensibilização, bem como a hipótese 3 “o grupo alvo terá expectativas face à sexualidade mais realistas após as sessões de sensibilização” não foram confirmadas.

As razões pelas quais não foram encontradas relações significativas devem-se sobretudo ao facto da informação que é absorvida aquando do consumo de CSE não ser compartimentada em estruturas de conhecimento independentes, como estados experimentais e específicos de um estímulo, mas sim incorporada em conhecimentos, crenças e atitudes já existentes. De acordo com Peter e Valkenburg (2010), aquilo que os jovens aprendem quando estão envolvidos num contexto ou estímulo dito sexualmente explícito, muitas vezes não fica confinado à ideia de que estão de facto

envolvidos nesse mundo. Pelo contrário, não raras vezes, o estado experimental associado ao CSE é integrado junto dos conhecimentos sexuais já existentes e associado a crenças e atitudes sexuais pré-concebidas. Esta realidade não só leva a que os adolescentes não saibam dissociar aquilo que é a realidade do que é o CSE, como também dificulta a capacidade de analisar de forma crítica esse conteúdo, o que acaba por mediar a influência do CSE nos comportamentos e expectativas sexuais.

A juntar-se a isto está também a motivação e a disposição psicológica dos jovens para adotarem comportamentos sexuais seguros e atitudes ajustadas. Ou seja, independentemente do trabalho de sensibilização e informação, se não existir motivação para a mudança será mais difícil induzir alterações nas atitudes e nos comportamentos dos jovens (Ramiro 2013; Reis, Ramiro, Matos, & Diniz, 2011; Schaalma, Abraham, Gillmore, & Kok, 2004; Synovitz, Herbert, Kelley, & Carlson, 2002), o que vai ao encontro do que Ramiro, Matos e Vilar (2008) haviam referido nos seus trabalhos: os fatores de sucesso da educação sexual em meio escolar estão também dependentes dos alunos.

Por outro lado, não nos podemos esquecer do meio onde os jovens se inserem, sujeito a influências de diversos agentes como a cultura, os pais, os amigos, o contexto escolar e os *media*, que, não raras vezes, agem em sentidos opostos, fornecendo ideias ambíguas acerca da sexualidade e do conteúdo sexualmente explícito. Enquanto os *media* e a cultura muitas vezes exploram as questões de carácter sexual com alguma ligeireza e levniiedade, os pais e os professores têm a tendência de fugir ao tema ou, quando o abordam, de reprimir os jovens por determinados comportamentos ou valores (Matos *et al.*, 2008; Ramiro, Matos, & Vilar, 2008; Sampaio, Baptista, Matos, & Silva, 2007). A juntar-se a este facto, e reportando à Teoria do Comportamento Planeado, é importante refletir na questão de o valor preditor desta teoria ser tanto maior quanto mais poder de controlo tem o indivíduo

sobre o comportamento em questão, sendo reconhecido que podem existir outros fatores que facilitam ou inibem o desempenho de comportamentos sob os quais se tem um controlo parcial, isto é, que dependam também da ação de terceiro (Alvarez, 2005).

Aprofundando estas ideias, Dotta, Alves, Koller e Brito (2000) referem que o trabalho com adolescentes na área da educação sexual implica a conjunção de vários fatores que explicam o desenvolvimento sexual, como por exemplo a saúde reprodutiva, o relacionamento interpessoal, a afetividade, a *self*-estima, a imagem corporal ou as relações de gênero. Num sentido amplo, o entendimento da sexualidade ocorre através do inter-relacionamento de diversos aspetos pessoais, intelectuais, afetivos, familiares e sociais, dentro de um contexto ético e moral, das leis culturais e valores sociais do meio em que vivem os jovens.

Tendo em conta todas estas conclusões relativamente às hipóteses em estudo, é importante também ressaltar quatro questões. Uma é que as medidas do questionário dependiam de respostas dadas pelo próprio sujeito, o que poderá significar que alguns dos resultados se devam também a questões de desejabilidade social e não necessariamente à realidade dos comportamentos e das crenças. A outra tem a ver com o tempo que durou a intervenção. Tal como as investigações anteriores referiram, uma intervenção curta e um reduzido espaço de tempo decorrido entre a realização das sessões e a avaliação das mesmas pode comprometer os resultados finais (Kirby, Laris, & Rolleri, 2007; Matos *et al.*, 2008; Ramiro, 2013; Ramiro, Matos, & Vilar, 2008). Por outro lado, porque o currículo escolar pressupõe a educação sexual nas aulas, é difícil definir a partir de que momento se pode avaliar o efeito da intervenção. Isto é, a avaliação da presente intervenção pode estar comprometida pela realização de outras intervenções por parte dos professores e outros técnicos, cuja abordagem e compromisso com o tema podem variar em relação a este trabalho

(Ramiro, Reis, Matos, & Diniz, 2011; Synovitz, Herbert, Kelley, & Carlson, 2002; Vilar & Ferreira, 2009). Por fim, devem ser tidas em conta as características da presente amostra. Tratando-se de alunos do 3º ciclo do Ensino Básico, que já têm alguns comportamentos e atitudes formadas em relação à sexualidade e que podem já ter tido contacto com experiências sexuais, a eficácia do programa pode não ser tão bem conseguida por não ser uma intervenção numa fase dita precoce (Lindberg & Maddow-Zimet, 2012; Matos *et al.*, 2008; Mueller, Gavin, & Kulkarni, 2008; Ramiro, Matos, & Vilar, 2008).

Considerando os pontos referidos anteriormente relativamente à não confirmação das hipóteses em estudo, foi também realizada uma análise complementar, com o objetivo de verificar se a ausência de resultados significativos poderia revelar efeitos de outras variáveis organismicas, como é o exemplo da idade e do género. Os resultados permitem verificar que o género não tem efeito nas respostas dos participantes, mas que, por sua vez, a idade influencia a questão da intenção de visualização de CSE, sendo que os sujeitos mais velhos não parecem aumentar a intenção, como os restantes elementos. Tal como referido anteriormente, embora exista uma tendência para uma atitude favorável relativamente ao comportamento de procura de CSE por parte dos jovens (Bleakley, Hennessy e Fishbein, 2011; Goodson, McCormick & Evans, 2001; Lofgren-Martenson & Mansson, 2010; Peter & Valkenburg, 2011b; Salmon & Zdanowicz, 2007), o contato ou não com o mesmo pode sofrer a influência de fatores como o estágio de desenvolvimento sexual do indivíduo. Ou seja, consoante as necessidades de cada indivíduo e os seus níveis de maturação, ingenuidade e curiosidade sexual, assim será a sua atitude face ao CSE (Peter & Valkenburg, 2011a; Ward, 2003). Portanto, se, por uma questão de idade, os mais velhos já têm uma identificação sexual mais consolidada, então é esperado que, comparativamente com os mais jovens, estejam mais familiarizados

com o CSE e não sintam tanto a necessidade de procurar mais informação sobre a sexualidade ou estímulos ditos “artificiais”, para além das suas experiências sexuais.

6. Conclusão

O principal objetivo deste estudo consiste em perceber qual o efeito das sessões de sensibilização sobre conteúdo sexualmente explícito em jovens do 3º ciclo do ensino básico no que concerne à intenção de procura de visualização de conteúdo sexualmente explícito, à intenção de deter comportamentos sexuais considerados extremos e à presença de expectativas e mitos sexuais irrealistas, tendo como base uma investigação-ação e as diferenças encontradas entre o grupo alvo e o grupo de controlo, antes e após a realização de um programa de intervenção.

Partindo da revisão de literatura previamente realizada, as nossas principais hipóteses eram (a) o grupo alvo terá menor intenção de procura de visualização de conteúdo sexualmente explícito após as sessões de sensibilização, (b) o grupo alvo terá menor intenção de deter comportamentos sexuais considerados extremos após as sessões de sensibilização, e (c) o grupo alvo terá expectativas face à sexualidade mais realistas após as sessões de sensibilização.

Através dos resultados obtidos verificou-se que, relativamente à caracterização do consumo de conteúdo sexualmente explícito por parte da amostra, existe uma maior incidência de contacto, maioritariamente realizada de forma intencional e por questões de curiosidade. Já quando o contacto foi involuntário, a sua fonte de origem foi na televisão ou na internet.

Após esse primeiro contacto voluntário ou involuntário com o CSE, a maioria dos participantes refere ter procurado CSE de forma voluntária, quer porque tinham curiosidade como porque procuravam um estímulo para a excitação sexual. Independentemente da forma como se estabeleceu esse contacto, a maioria dos

participantes refere que se encontravam sozinhos aquando dessa ocasião. Por isso mesmo, normalmente não partilham essa experiência com os outros e, se o fazem, é com os pares. Em relação às possíveis sensações inerentes ao consumo de CSE, os participantes assinalam com maior frequência a excitação, bem como o sentir-se adulto.

No que concerne à caracterização da distribuição das variáveis preditoras de consumo de conteúdo sexualmente explícito, conclui-se que, relativamente às crenças e mitos, os resultados parecem revelar a inexistência de ideias irrealistas ou estereotipadas acerca da sexualidade.

A amostra caracteriza-se ainda por ter uma atitude face ao CSE e uma norma subjetiva aparentemente positiva, bem como, uma maior intenção de realização do comportamento de visualização de CSE.

Por fim, de acordo com a avaliação da eficácia do programa de intervenção, é-nos possível concluir que este parece não ter originado um efeito nas variáveis em estudo, o que significa que as hipóteses da presente investigação não foram confirmadas.

O presente trabalho pretende ser mais um contributo para o estudo de variáveis preditoras de comportamentos sexuais de risco e atitudes e crenças desajustadas em relação à sexualidade, assim como explorar uma temática menos trabalhada na área da Psicologia Social e das Organizações, ao procurar encontrar relações entre as variáveis estudadas e os efeitos de um programa de intervenção no âmbito da educação sexual.

Apesar de nos ter sido possível estabelecer algumas relações e ir ao encontro das conclusões já alcançadas por diversos autores, considera-se que determinados aspetos poderiam ser otimizados em investigações futuras.

Porque os determinantes (e.g., desejo sexual, curiosidade, pressão de pares) e as consequências emocionais, cognitivas e comportamentais (e.g., excitação sexual,

mas também, vergonha, raiva ou nojo) da exposição voluntária ou involuntária a diferentes tipos de conteúdo sexualmente explícito, legal e ilegal, não estão ainda totalmente esclarecidos e estudados, consideramos que futuramente em investigações deste género poder-se-á começar a incorporar aspetos como a importância que os indivíduos dão à sua sexualidade, se estão satisfeitos com o seu *status* sexual, quais os seus níveis de *self*-estima, *self* conceito e *self* eficácia sexual, se têm uma imagem corporal saudável de si e sentem-se confortáveis consigo próprios, qual a importância que dão ao seu *sex appeal* para a formação do *self* conceito e em que níveis são afetados ou experienciam culpa ou ansiedade nas suas relações íntimas e sexuais.

Um aspeto interessante da literacia sobre os *media* é que o sentido crítico pode tanto ser fomentado entre os jovens como noutros grupos. À semelhança de Pereira, Matos e Leal (2011), que referem que os resultados são otimizados quando as figuras de referência também possuem competências e conseguem discutir com os jovens acerca do que os *media* transmitem, incentivando uma avaliação crítica dos mesmos, sugere-se também considerar e atuar sobre esses mesmos sistemas, adaptando estratégias para que, independentemente do número de fatores de risco a que o jovem esteja sujeito, apresente pouca probabilidade de se envolver em comportamentos de risco porque está igualmente sob a influência de fatores protetores. Ou seja, estudos que se revistam como investigação-ação e que desenvolvam programas de intervenção na área da sexualidade poderão considerar a educação de pares como uma estratégia eficaz para otimizar os resultados da intervenção, ao permitirem uma sensibilização mais próxima e equitativa para questões relacionadas com a sexualidade, particularmente no que concerne à diversidade de modos de sentir e viver a mesma e aos comportamentos sexuais de risco. Igualmente, e considerando o guia para o desenvolvimento de políticas sobre saúde sexual e reprodutiva de jovens na Europa (Chandra *et al.*, 2008; Ramiro, 2013), que preconiza que deveriam ser os pais, as mães e os outros adultos responsáveis pela educação dos jovens (onde se

incluem também os professores) a principal fonte de informação e educação dos mesmos sobre sexualidade, salienta-se ainda a importância de apostar na educação parental bem como na formação específica na área da sexualidade para professores, em plena articulação entre estes agentes, a escola e outras referências da comunidade, alertando todos para os perigos da exposição excessiva aos *mass media* em determinadas idades, dos perigos e consequências de informações distorcidas e incorretas e das consequências da veiculação de comportamentos incorretos, carregados de simbolismo e valores que serão para o jovem um modelo a seguir.

Considerando a limitação de tempo para a realização do presente trabalho de investigação, surge como igualmente interessante a ideia de delinear um estudo longitudinal, em que se acompanhe os alunos ao longo de vários meses ou até anos. Isto não só permitiria uma investigação da sua evolução, assim como uma ação preventiva mais sólida.

Uma educação sexual que mereça esse nome é impossível na ausência de um trabalho contínuo e a longo prazo. Assim, assumindo o presente estudo como um momento reflexivo e heurístico, esperamos que possa também ser desencadeador de outras reflexões e investigações. Tendo em conta o mote de Alferes (1996), que refere que educação sem conhecimento não é possível, propõe-se que haja um investimento académico nesta área de estudo, uma vez que não existem investigações suficientes que avaliem a educação sexual, em especial em meio escolar e particularmente no nosso país. Da mesma forma, porque a educação sexual é fundamental no âmbito de qualquer programa de promoção da saúde do adolescente, é importante que se continuem a desenvolver esforços para que se construam programas de educação sexual cada vez mais eficazes, que não se limitem a ter como base ideias demasiado estanques e pré-concebidas, optando preferencialmente por uma intervenção através de uma visão mais abrangente do indivíduo.

As abordagens com base na educação são muito importantes. Isto significa que os esforços educativos podem ser usados para proteger ou contrariar o impacto negativo do consumo de conteúdo sexualmente explícito. À luz de trabalhos de outros autores noutros países (Flood & Hamilton, 2003), defende-se o desenvolvimento e implementação de um programa nacional que incorpore a educação para o CSE nos currículos escolares com ênfase para a saúde e desenvolvimento pessoal, literacia sobre os *media* e comportamentos de proteção, com o objetivo de ensinar estratégias aos jovens estudantes para compreenderem e avaliarem de forma crítica imagens e mensagens de carácter sexual e desenvolver nos mesmos a capacidade de fazerem escolhas responsáveis e seguras acerca do uso da internet, de tomarem boas decisões acerca do conteúdo a assistir, de reduzir a sua exposição a material impróprio e mitigar as consequências de consumir esse tipo de material.

Em suma, conscientes das limitações do presente trabalho e do longo caminho a percorrer na área da educação sexual, especificamente no que concerne às questões relacionadas com a temática do conteúdo sexualmente explícito, pretende-se que esta investigação contribua para incentivar pesquisas nesta área no ensino público português, bem como, facilite o desenvolvimento de projetos nas questões que digam respeito à promoção da saúde sexual dos jovens, particularmente aqueles que tenham como objetivo balançar os retratos do sexo nos *media* com informação acerca de possíveis consequências negativas que advêm da exposição a esse tipo de conteúdo.

7. Referências Bibliográficas

- Abraham, C., Henderson, M., & Der, G. (2004). Cognitive impact of a research- based school sex education programme. *Psychology & Health, 19*, 689-703. DOI: 10.1080/08870440410001722921
- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes, 50*, 179-211.
- Ajzen, I. (2011). The theory of planned behavior: Reactions and reflections. *Psychology & Health, 26* (9), 1113-1127. DOI: 10.1080/08870446.2011.613995
- Ajzen, I. (2012). *The theory of planned behavior*. In P. A. M. Lange, A. W. Kruglanski & E. T. Higgins (Eds.), *Handbook of theories of social psychology* (Vol. 1) (pp. 438-459). London: Sage Publications.
- Albarracin, D., Johnson, B. T., Fishbein, M., & Muellerleile, P. A. (2001). Theories of reasoned action and planned behavior as models of condom use: A meta-analysis. *Psychological Bulletin, 127*, 142-161.
- Alferes, V. R. (1996). A pedagogização do sexo. *Revista Portuguesa de Psicologia, 30* (1), 91-96.
- Allen, M., Alessio, D., Emmers, T. M., & Gebhardt, L. (1996). The role of educational briefings in mitigating effects of experimental exposure to violent sexually explicit material: A meta-analysis. *Journal of Sex Research, 33* (2), 135-141. DOI 10.1080/00224499609551825
- Alvarez, M. J. (2005). *Representações cognitivas e comportamentos sexuais de risco: O guião e as teorias implícitas da personalidade nos comportamentos de protecção sexual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Baptista I., Matos, M. G., Simões, C., Ferreira, M., Tomé, G., Camacho, I., & Diniz, J. A. (2011). Condições ambientais, pedagógicas e psico-sociais nas escolas: Uma visão de gestão escolar e sua evolução em 4 anos. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente, 3*, 111-125.

- Bleakley, A., Hennessy, M., & Fishbein, M. (2011). A model of adolescents seeking of sexual content in their media choices. *Journal of Sex Research, 48* (4), 309–315. DOI: 10.1080/00224499.2010.497985
- Bogt, T. F., Engels, R. C., Bogers, S., & Kloosterman, M. (2010). “Shake it baby, shake it”: Media preferences, sexual attitudes and gender stereotypes among adolescents. *Sex Roles, 63*, 844–859. DOI: 10.1007/s11199-010-9815-1
- Braun-Courville, D. K., & Rojas, M. (2009). Exposure to sexually explicit web sites and adolescent sexual attitudes and behaviors. *Journal of Adolescent Health, 45*, 156–162. DOI:10.1016/j.jadohealth.2008.12.004
- Chandra, A., Martino, S. C., Collins, R. L., Elliott, M. N., Berry, S. H., Kanouse, D. E., & Miu, A. (2008). Does watching sex on television predict teen pregnancy? Findings from a national longitudinal survey of youth. *Pediatrics, 122*, 1047-1054. DOI: 10.1542/peds.2007-3066
- Collins, R. L., Elliott, M. N., Berry, S. H., Kanouse, D. E., Kunkel, D., Hunter, S. B., & Miu, A. (2004). Watching sex on television predicts adolescent Initiation of sexual behavior. *Pediatrics, 114* (3), 280-289. DOI: 10.1542/peds.2003-1065-L
- Döring, N. M. (2009). The internet’s impact on sexuality: A critical review of 15 years of research. *Computers in Human Behavior, 25*, 1089–110. DOI:10.1016/j.chb.2009.04.003
- Dotta, R. M., Alves, P. B., Koller, S. H., & Brito, R. C. (2000). Sexualidade, AIDS e drogas: Um relato de intervenção com adolescentes. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 10* (2), 35-44.
- Ferreira, S. (2011). *Os adolescentes portugueses do 9.º ano e o uso do preservativo: Atitudes, factores sociais e afectivos*. Trabalho de Projecto do XII Curso de Mestrado em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública - Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

- Flood, M. (2009). The harms of pornography exposure among children and young people. *Child Abuse Review, 18*, 384–400. DOI: 10.1002/car.1092
- Flood, M., & Hamilton, C. (2003). Regulating youth access to pornography. *The Australia Institute, 53*, 1-40.
- Goodson, P., McCormick, D., & Evans, A. (2001). Searching for sexually explicit materials on the internet: An exploratory study of college students' behavior and attitudes. *Archives of Sexual Behavior, 30* (2), 101-118. DOI: 10.1023/A:1002724116437
- Harrison, L., & Hillier, L. (1999). What should be the 'subject' of sex education?. *Studies in the Cultural Politics of Education, 20* (2), 279-288. DOI: 0159-6306/99/020279-16
- Kirby, D. B., Laris, B. A., & Rolleri, L. A. (2007). Sex and HIV education programs: Their impact on sexual behaviors of young people throughout the world. *Journal of Adolescent Health, 40*, 206–217. DOI: 10.1016/j.jadohealth.2006.11.143
- Kraus, S. W., & Russell, B. (2008). Early sexual experiences: The role of internet access and sexually explicit material. *CyberPsychology & Behavior, 11* (2), 162-168. DOI: 10.1089/cpb.2007.0054
- Lindberg, L. D., & Maddow-Zimet, I. (2012). Consequences of sex education on teen and young adult sexual behaviors and outcomes. *Journal of Adolescent Health, 51* (4), 332–338. DOI: 10.1016/j.jadohealth.2011.12.028
- Lofgren-Martenson, L., & Mansson, S. A. (2010). Lust, love, and life: A qualitative study of swedish adolescents' perceptions and experiences with pornography. *Journal of Sex Research, 47* (6), 568–579. DOI: 10.1080/00224490903151374
- Luder, M. T., Pittet, I., Berchtold, A., Akre, C., Michaud, P. A., & Suris, J. C. (2011). Associations between online pornography and sexual behavior among adolescents: Myth or reality?. *Archives of Sexual Behavior, 40* (5), 1027–1035. DOI 10.1007/s10508-010-9714-0

- Maroco, J. (2003). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Matos, M. G., Baptista, M. I., Simões, M. C., Gaspar, T., Sampaio, D., Diniz, J. A., Goulão, J. C. B., Mota, J., Barros, H., Boavida, J., & Sardinha, L. (2008). *From research to practice: Promoting adolescents' positive health in portuguese schools*. In Social cohesion for mental well-being among adolescents, WHO/HBSC FORUM 2007, Copenhagen, Denmark.
- Matos, M.G., Ramiro, L., Reis, M., & Equipa Aventura Social (2013). *Sexualidade dos jovens portugueses - Relatório do estudo online sobre sexualidade nos jovens/Online study of young people's sexuality (OSYS) - Dados de 2011*. (1ª Edição). Lisboa: FMH/ Universidade Técnica de Lisboa.
- Melby, T. (2010). Teens, porn and the digital age. *Contemporary Sexuality*, 44 (9), 3-5.
- Miotto, L. (2012). O que há de errado com a pornografia? *Fundamento – Revista de Pesquisa em Filosofia*, 4, 109-123.
- Morgan, E. M. (2011). Associations between young adults' use of sexually explicit materials and their sexual preferences, behaviors, and satisfaction. *Journal of Sex Research*, 48 (6), 520–530. DOI: 10.1080/00224499.2010.543960
- Mueller, T.E., Gavin, L.E., & Kulkarni, A. (2008). The association between sex education and youth's engagement in sexual intercourse, age at first intercourse and birth control use at first sexual intercourse. *Journal of Adolescent Health*, 42, 89-96. DOI: 10.1016/j.jadohealth.2007.08.002
- Owens, E. W., Behun, R. J., Manning, J. C., & Reid, R. C. (2012). The impact of internet pornography on adolescents: A review of the research. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 19, 99–122, DOI: 10.1080/10720162.2012.660431
- Pereira, S., Matos, M. G., & Leal, I. (2011). Iniquidade, etnicidade e educação sexual. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 12 (1), 77-90.
- Peter, J., & Valkenburg, P. M. (2010). Adolescents' use of sexually explicit internet material and sexual uncertainty: The role of involvement and gender.

- Communication Monographs*, 77 (3), 357-375. DOI: 10.1080/03637751.2010.498791
- Peter, J., & Valkenburg, P. M. (2011a). The influence of sexually explicit internet material and peers on stereotypical beliefs about women's sexual roles: Similarities and differences between adolescents and adults. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 14 (9), 511-517. DOI: 10.1089/cyber.2010.0189
- Peter, J., & Valkenburg, P. M. (2011b). The use of sexually explicit internet material and its antecedents: A longitudinal comparison of adolescents and adults. *Archives of Sexual Behavior*, 40, 1015–1025. DOI 10.1007/s10508-010-9644-x
- Ramiro, L. (2013). *A educação sexual na mudança de conhecimentos, atitudes e comportamentos sexuais dos adolescentes*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa, Portugal.
- Ramiro, L., Matos, M.G. & Vilar, D. (2008). *Factores de sucesso da educação sexual em meio escolar*. Educação Sexual em Rede. (Nº 3). Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.
- Ramiro, L., Reis, M., Matos, M.G., & Diniz, J.A. (2011). Sex education among portuguese adolescent students. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 29, 493-502. DOI: 10.1016/j.sbspro.2011.11.268
- Reis, M., Ramiro, L., Matos, M. G., & Diniz, J. A. (2011). The effects of sex education in promoting sexual and reproductive health in portuguese university students. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 29, 477 – 485. DOI: 10.1016/j.sbspro.2011.11.266
- Sabina, C., Wolak, J., & Finkelhor, D. (2008). The nature and dynamics of internet pornography exposure for youth. *Cyberpsychology & Behavior*, 11 (6), 691-693. DOI: 10.1089/cpb.2007.0179

- Salmon, Y., & Zdanowicz, N. (2007). Net, sex and rock'n'roll! The potentialities of a tool like the internet and its influences on teenagers' sexuality. *Sexologies*, 16, 43–52. DOI:10.1016/j.sexol.2006.08.003
- Sampaio, D., Baptista, M. I., Matos, M. G., & Silva, M. O. (2007). *Educação para a saúde nas escolas: Relatório final GTES*. Direção-Geral da Educação. Acedido Novembro 26, 2013, em <http://www.dgidec.min-edu.pt>.
- Schaalma, H. P., Abraham, C., Gillmore, M. R., & Kok, G. (2004). Sex education as health promotion: What does it take? *Archives of Sexual Behavior*, 33 (3), 259–269. DOI: 0004-0002/04/0600-0259/0
- Shtarkshall, R. A., Santelli, J. S., & Hirsch, J. S. (2007). Sex education and sexual socialization: Roles for educators and parents. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 39 (2), 116-119. DOI: 10.1363/3911607
- Spitznagel, E. (2009). Generation XXX. *Details*, 27 (11), 152-160.
- Synovitz, L., Herbert, E., Kelley, R. & Carlson, G. (2002). Sexual knowledge of college students in a southern state: Relationship to sexuality education results of louisiana college student study shows need for sexuality programs. *American Journal of Health Studies*, 17 (4), 163-167.
- Vilar, D. & Ferreira, P. (2009). *A educação sexual dos jovens portugueses – Conhecimentos e fontes*. Educação Sexual em Rede. (Nº 5). Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.
- Ward, L. M. (2003). Understanding the role of entertainment media in the sexual socialization of american youth: A review of empirical research. *Developmental Review*, 23, 347–388. DOI: 10.1016/S0273-2297(03)00013-3
- Zillmann, D. (2000). Influence of unrestrained access to erotica on adolescents' and young adults' dispositions toward sexuality. *Journal of Adolescent Health*, 27S (2), 41–44. DOI:10.1016/S1054-139X(00)00137-3

Anexos

ANEXO I – Questionário

Universidade do Algarve
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de Psicologia e Ciências da Formação

O questionário que se segue pretende perceber a forma como vês a sexualidade e caracterizar o teu conhecimento e as tuas opiniões relativamente a assuntos relacionados com a saúde sexual e reprodutiva.

Os dados que forneceres serão confidenciais, pelo que não serás identificado. Vão ser tratados de uma forma global e irão permitir desenvolver um conjunto de sessões de Educação Sexual para ti e para os teus colegas. Como tal, a tua participação sincera é essencial para que possamos criar algo adequado às tuas dúvidas, necessidades e interesses.

Não há respostas certas ou erradas. Deves apenas responder de acordo com a tua opinião ou de acordo com as tuas experiências pessoais.

Obrigada pela tua participação!

Vais começar por responder a algumas perguntas onde te pedimos algumas informações que nos ajudarão a conhecer-te um bocadinho melhor.

1. Que idade tens? _____ anos

2. Qual o teu género? Masculino Feminino

3. Qual o teu local de residência? Urbano Rural

4. Com quem vives? _____

Pai

Mãe

Irmão(s)/Irmã(s)

Avós

Outros. Quais? _____

5. Se tens Irmãos/irmãs, quantos são? _____

6. Qual é a tua posição em relação aos teus irmãos/irmãs?

Sou o primeiro filho

Sou o segundo filho

Sou o terceiro filho

Outros. Quais? _____

7. Tens quarto próprio? Sim Não

8. Tens acesso à internet? Sim Não

9. Tens computador próprio? Sim Não

10. Tens televisão no quarto? Sim Não

11. Tens telemóvel com internet? Sim Não

12. Tens mesada? Sim Não

12.1. Se sim, de quanto? _____

A seguir vão ser feitas perguntas sobre Conteúdo Sexualmente Explícito. Deves entender conteúdo sexualmente explícito como tudo aquilo que mostra ou fala sobre nudez, sexo, sensualidade e sexualidade e que pode ser encontrado em revistas, nos livros, na televisão, na internet e em letras e videoclips de música.

13. Já alguma vez tiveste contacto com conteúdo sexualmente explícito?

- Sim Não (*Se respondeste não, passa para a questão 20*) Não sei

13.1 Se sim, o primeiro contacto que tiveste com esse conteúdo sexualmente explícito foi:

- Intencional, isto é, por tua iniciativa
 Involuntário, isto é, sem teres intenção de procurar este tipo de conteúdo

14. Se foi intencional, que motivos te levaram a procurar, pela primeira vez, o conteúdo sexualmente explícito? (*Podes assinalar várias opções*)

- Tinha curiosidade e procurei
 Queria informar-me sobre sexualidade
 Queria excitar-me sexualmente
 Queria divertir-me com os meus amigos
 Outra razão Qual? _____

15. Se foi involuntário, como aconteceu?

- Foi num livro/revista
 Foi na televisão (inclui filmes, videoclips, programas de televisão...)
 Foi na internet
 Foi num videojogo
 Outros. Quais? _____

16. Essa descoberta, voluntária ou involuntária, foi:

- Sozinho Acompanhado

17. Depois deste primeiro contacto, procuraste voluntariamente conteúdo sexualmente explícito?

Sim Não

17. 1. Se sim, porquê? (*Podes assinalar várias opções*)

- Tinha curiosidade e procurei
- Queria informar-me sobre sexualidade
- Queria excitar-me sexualmente
- Queria divertir-me com os meus amigos
- Outra razão. Qual? _____

18. O que sentes quando assistes a conteúdo sexualmente explícito?

- Sinto-me excitado
- Sinto-me enojado
- Sinto-me envergonhado
- Sinto-me bem humorado
- Sinto-me adulto
- Sinto-me confuso
- Outra sensação. Qual? _____

19. Costumas comentar com alguém os conteúdos sexualmente explícitos que consumes?

Sim Não

19.1 Se sim, com quem comentas? (*Podes assinalar várias opções*)

- Pai
- Mãe
- Irmão(s)/Irmã(s)
- Amigos
- Namorado(a)/Parceiro(a)
- Professores
- Técnicos (médico, enfermeiro, psicólogo...)
- Outros. Quais? _____

Estás mesmo quase a acabar. Por fim apenas pedimos-te que respondas a um conjunto de questões onde podes dar o teu ponto de vista acerca da sexualidade e a tua opinião sobre o conteúdo sexualmente explícito.

20. Pensando naquilo que é dito nas revistas e livros, transmitido pela televisão e o que se pode encontrar na internet, em que medida consideras que no que toca à sexualidade...

... O homem tem um papel mais importante que a mulher

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------|-----------------------|---------------------------|----------------|--------------|
| Concordo totalmente | Concordo ligeiramente | Não concordo nem discordo | Concordo pouco | Não concordo |

... A mulher deve satisfazer todos os desejos e vontades do homem

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------|-----------------------|---------------------------|----------------|--------------|
| Concordo totalmente | Concordo ligeiramente | Não concordo nem discordo | Concordo pouco | Não concordo |

... Um homem que tem muita atividade sexual é um verdadeiro homem

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------|-----------------------|---------------------------|----------------|--------------|
| Concordo totalmente | Concordo ligeiramente | Não concordo nem discordo | Concordo pouco | Não concordo |

... Uma relação sexual é tanto melhor quanto menos afeto estiver envolvido

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------|-----------------------|---------------------------|----------------|--------------|
| Concordo totalmente | Concordo ligeiramente | Não concordo nem discordo | Concordo pouco | Não concordo |

... Quantas mais relações sexuais se tiver e com diferentes parceiros(as), melhor

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------|-----------------------|---------------------------|----------------|--------------|
| Concordo totalmente | Concordo ligeiramente | Não concordo nem discordo | Concordo pouco | Não concordo |

... Quanto mais bonito fisicamente for alguém, melhor será a relação sexual com aquela pessoa

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------|-----------------------|---------------------------|----------------|--------------|
| Concordo totalmente | Concordo ligeiramente | Não concordo nem discordo | Concordo pouco | Não concordo |

... Se alguém não tem atividade sexual regular é porque tem algum problema

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------|-----------------------|---------------------------|----------------|--------------|
| Concordo totalmente | Concordo ligeiramente | Não concordo nem discordo | Concordo pouco | Não concordo |

... O casamento e a paternidade são sinónimos de uma vida sexual menos intensa e interessante

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------|-----------------------|---------------------------|----------------|--------------|
| Concordo totalmente | Concordo ligeiramente | Não concordo nem discordo | Concordo pouco | Não concordo |

... Caso eu ame e confie na pessoa com quem estou, não tenho que me preocupar com doenças sexualmente transmissíveis.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------|----------|---------------------------|----------|---------------------|
| Discordo totalmente | Discordo | Não concordo nem discordo | Concordo | Concordo totalmente |

... Quando apenas se tem um parceiro sexual, e este é fixo, não estamos em risco de contrair doenças.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------|----------|---------------------------|----------|---------------------|
| Discordo totalmente | Discordo | Não concordo nem discordo | Concordo | Concordo totalmente |

... Só se apanham doenças sexualmente transmissíveis em relações homossexuais.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------|----------|---------------------------|----------|---------------------|
| Discordo totalmente | Discordo | Não concordo nem discordo | Concordo | Concordo totalmente |

... Infecções, como o HIV, são mais comuns em toxicodependentes, pelo que estou em segurança se tiver relações sexuais desprotegidas.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------|----------|---------------------------|----------|---------------------|
| Discordo totalmente | Discordo | Não concordo nem discordo | Concordo | Concordo totalmente |

... Eu consigo identificar pessoas que estejam infetadas com HIV apenas pelo seu aspeto físico.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------|----------|---------------------------|----------|---------------------|
| Discordo totalmente | Discordo | Não concordo nem discordo | Concordo | Concordo totalmente |

... Caso o rapaz ejacule fora da vagina, não há perigo de uma gravidez.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---------------------|----------|---------------------------|----------|---------------------|
| Discordo totalmente | Discordo | Não concordo nem discordo | Concordo | Concordo totalmente |

21. Tendo em conta o que é conteúdo sexualmente explícito, responde às seguintes questões:

21.1. Para mim, consumir conteúdo sexualmente explícito é algo...

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|-----|---|---|---|---|---|-----|
| Mau | | | | | | Bom |

21.2. Para mim, consumir conteúdo sexualmente explícito é algo...

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|--------------|---|---|---|---|---|-----------|
| Desagradável | | | | | | Agradável |

21.3. Para mim, consumir conteúdo sexualmente explícito é algo...

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|-------------|---|---|---|---|---|----------|
| Prejudicial | | | | | | Benéfico |

21.4. Os meus melhores amigos e os mais importantes para mim, pensam que eu...

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Não deveria consumir conteúdo sexualmente explícito | | | | | | Deveria consumir conteúdo sexualmente explícito |

21.5. Os meus melhores amigos e os mais importantes para mim...

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|--|---|---|---|---|---|--|
| Não querem que eu consuma conteúdo sexualmente explícito | | | | | | Querem que eu consuma conteúdo sexualmente explícito |

21.6. No que toca ao consumo de conteúdo sexualmente explícito, eu deveria fazer aquilo que os meus melhores amigos e os mais importantes para mim dizem.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|---------------------|---|---|---|---|---|---------------------|
| Discordo Totalmente | | | | | | Concordo Totalmente |

21.7. Nos próximos 6 meses vou consumir conteúdo sexualmente explícito.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|---------------------|---|---|---|---|---|---------------------|
| Discordo Totalmente | | | | | | Concordo Totalmente |

21.8. Só depende de mim eu consumir conteúdo sexualmente explícito nos próximos 6 meses.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|---------------------|---|---|---|---|---|---------------------|
| Discordo Totalmente | | | | | | Concordo Totalmente |

21.9. Eu controlo o meu consumo de conteúdo sexualmente explícito.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|---------------------|---|---|---|---|---|---------------------|
| Discordo Totalmente | | | | | | Concordo Totalmente |

21.10. Eu tenciono consumir conteúdo sexualmente explícito nos próximos 6 meses.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|---------------------|---|---|---|---|---|---------------------|
| Discordo Totalmente | | | | | | Concordo Totalmente |

Obrigado pela tua participação!

